

Caderno de Resumos 2020

10^a JORNADA DISCENTE

PPGJOR | UFSC | 2021

Reitor

Ubaldo Cesar Balthazar

Pró-Reitora de Pós-Graduação

Cristiane Derani

Diretor do CCE

Fabio Luiz Lopes da Silva

Chefe do Depto. Jornalismo

Cárlida Emerim

Coordenador do PPGJOR

Rogério Christofolletti

Subcoordenadora do PPGJOR

Maria Terezinha da Silva

Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPGJOR)

Campus Universitário, Trindade

88040-980 - Florianópolis/SC

(48) 3721.9463 - www.ppgjor.posgrad.ufsc.br

Caderno de Resumos - 2020



PPGJOR | UFSC | 2021



ISSN 2526-1231

Comissão Organizadora

Coordenação

Lauriano Benazzi, Malena Wilbert, Maria Terezinha da Silva, Ricardo Aoki e Rogério Christofoletti.

Comissões

Programação: Gabriela Almeida, Jefferson Sousa, Luis David Padilha, Lynara Ojeda, Jessica Gustafson, Marisvaldo Lima, Tatiane Queiroz e Vinicius Ferreira. **Caderno de resumos:** Dairan Paul, Gustavo Zonta, Janaíne Kronbauer, Rafael Venuto e Suelyn da Luz. **Identidade visual:** Jéssica Karina Weirich, Mariane Ventura e Olga Lopes. **Certificados:** Alessandra Natasha Ramos, Anaíra Sarmento, Andressa Kikuti e Gabriela Schander. **Comunicação:** Ana Carla Pimenta, Leticia Castro, Dara Zimmermann, Magali Moser, Malena Wilbert, Rafael Rangel Winch e Thais Araújo. **Logística:** Gabriela Grillo, Keltryn Wendland, Nayane Brito e Ricardo Leite. **Cerimonial:** Arnaldo Zimmermann, Denise Becker e Juliana Freire Bezerra.

Projeto gráfico

Frederico S. M. de Carvalho

Diagramação

Rafael Venuto e Gustavo Zonta

Revisão

Dairan Paul, Gustavo Zonta, Janaíne Kronbauer, Rafael Venuto e Suelyn da Luz



SUMÁRIO

PROGRAMAÇÃO	07
APRESENTAÇÃO	09
TRANSFORMAÇÕES NO JORNALISMO	12
Fotojornalismo de agências internacionais de notícia: mutações em tempos de pandemia.....	13
O processo de reportagem nas narrativas de “repórteres especiais”.....	15
Jornalismo de dados: desafios no ensino e mudanças nas práticas profissionais.....	17
GÊNERO E FEMINISMO	19
Características da crítica feminista de jornalismo acadêmica.....	20
Jornalistas em aliança: a formulação de uma perspectiva de gênero transnacional.....	22
Quebrando o teto de vidro? Trajetórias de mulheres jornalistas em contexto de crises.....	24
Construção da perspectiva de gênero no jornalismo da <i>Revista AzMina</i>	26
O discurso jornalístico sobre a primeira transmissão da Copa do Mundo Feminina.....	28
CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS, DIREITOS HUMANOS E CIDADANIA	30
Os povos Guarani na imprensa: aproximações e distanciamentos entre Brasil e Paraguai.....	31
Cobertura jornalística sobre direitos humanos de crianças e adolescentes no Brasil.....	33
Quando uma de nós morre: as notícias de feminicídio nos portais on-line catarinenses.....	35
Corpos dissensuais em comunidade: um reexame de subjetivações nos “fotojornalismos”.....	37
A dimensão emocional do jornalismo na valoração das vozes dos sujeitos pobres.....	39
A formação universitária e o jornalismo profissional feito a partir das periferias.....	41

Representações sociais de pessoas com deficiência em notícias no portal G1.....	43
Representações de imigrantes venezuelanos no <i>Jornal Nacional</i>	45
PROCESSOS DE PRODUÇÃO E TRABALHO	47
Construção de carreira e identidade profissional dos jornalistas de dados.....	48
O avesso do romântico: idealismo e precarização em novos arranjos de jornalismo.....	50
Sustentabilidade financeira de meios jornalísticos nativos digitais brasileiros.....	52
O impacto da pandemia no modelo de negócios dos portais de notícias de Santa Catarina.....	55
Transparência como valor e prática: contribuições do Projeto Credibilidade.....	57
Práticas profissionais e discursivas nas redes de comunicação do agronegócio.....	59
JORNALISMO DIGITAL E TECNOLOGIA	61
Estratégias de familiarização e autorreflexão em visualizações de dados interativas.....	62
Produção e publicação no jornalismo <i>mobile first</i> no Brasil.....	64
A apropriação do <i>Instagram Stories</i> pelo <i>Estadão</i> e as narrativas do noticiário <i>Drops</i>	66
Tensionamentos entre plataformas, mediações algorítmicas e a <i>Agenda Setting</i>	68
TEORIA DO JORNALISMO	70
Um olhar para a crise de legitimidade jornalística a partir da Teoria Democrática.....	71
Colonialidade e afeto: para pensar a episteme do Jornalismo.....	73
Adaptações metodológicas na pesquisa diante da pandemia de SARS-CoV-2.....	75
A crítica de imprensa em colunas de <i>ombudsman</i>	77
A hiperespecialização do jornalismo com temas sobre o espaço sideral.....	79
RADIOJORNALISMO	81
Transformações da transmissão do radiojornalismo na <i>live</i> do Facebook: caso da <i>Banda B</i>	82

Programação radiojornalística maranhense.....	84
Reconfiguração da reportagem radiofônica brasileira contemporânea.....	86
Do <i>hertz</i> ao <i>bits</i> : o uso da convergência por emissoras comunitárias maranhenses	88
As características e estéticas dos podcasts jornalísticos frente ao rádio.....	90
Sondagem sobre jornalismo científico em rádios universitárias na pandemia.....	92

The background features a complex, abstract design. It consists of various overlapping geometric shapes, including circles, squares, and rectangles, in shades of light green and white. A prominent feature is a large, solid white circle in the center. The overall aesthetic is clean and modern, with a focus on geometric patterns and a color palette of greens and whites.

PROGRAMAÇÃO

PROGRAMAÇÃO JORNADA DISCENTE 2020

PPGJOR/UFSC – 15, 16, 17, 18 e 19 de Março de 2021 – Plataformas Doity e Zoom

SEGUNDA-FEIRA - 15 DE MARÇO

19h - MESA DE ABERTURA

19h30 - CONFERÊNCIA DE ABERTURA

Ações afirmativas na construção do conhecimento em Jornalismo, com Fabiana Moraes (UFPE), Leslie Chaves (UFSC) e Eric Marky Terena (Mídia Índia e Articulação dos Povos Indígenas do Brasil)

21h - DEBATE

22h - ENCERRAMENTO

TERÇA-FEIRA - 16 DE MARÇO

MESA 1: Transformações no jornalismo (9h)

Mediação: Livia Vieira e Marcelo Barcelos

- Fotojornalismo de agências internacionais de notícia: mutações em tempos de pandemia - Lauriano Atilio Benazzi
- O processo de reportagem nas narrativas de “repórteres especiais” - Magali Moser
- Jornalismo de dados: desafios no ensino e mudanças nas práticas profissionais - Mariane Pires Ventura

MESA 2: Gênero e feminismo (14h)

Mediação: Fernanda Nascimento e Terezinha Silva

- Características da crítica feminista de jornalismo acadêmica - Gabriela Almeida
- Jornalistas em aliança: a formulação de uma perspectiva de gênero transnacional - Jessica Gustafson
- Quebrando o teto de vidro? Trajetórias de mulheres jornalistas em contexto de crises - Andressa Kikuti Dancosky

- Construção da perspectiva de gênero no jornalismo da Revista AzMina - Gabriela Schander
- O discurso jornalístico sobre a primeira transmissão da Copa do Mundo Feminina - Letícia de Castro

QUARTA-FEIRA - 17 DE MARÇO

MESA 3: Construção de sentidos, direitos humanos e cidadania - 1ª parte (9h)

Mediação: Jorge Ijuim e Criselli Montipó

- Os Povos Guarani na Imprensa: aproximações e distanciamentos entre Brasil e Paraguai - Tatiane K. Barbosa de Queiroz
- Cobertura jornalística sobre direitos humanos de crianças e adolescentes no Brasil - Lynara Ojeda de Souza
- Quando uma de nós morre: as notícias de feminicídio nos portais online catarinenses - Malena Wilbert
- Corpos dissensuais em comunidade: um reexame de subjetivações nos “fotojornalismos” - Rafael Giovanni Venuto

MESA 4: Construção de sentidos, direitos humanos e cidadania - 2ª parte (14h)

Mediação: Daiane Bertasso e Carlos Locatelli

- A dimensão emocional do jornalismo na valoração das vozes dos sujeitos pobres - Rafael Winch
- A formação universitária e o jornalismo profissional feito a partir das periferias - Juliana Freire Bezerra
- Representações sociais de pessoas com deficiência em notícias no portal G1 - Thais Araujo de Freitas

- Representações de imigrantes venezuelanos no Jornal Nacional - Ricardo Borges Leite

QUINTA-FEIRA - 18 DE MARÇO

MESA 5: Processos de produção e trabalho (9h)

Mediação: Jacques Mick e Janara Nicoletti

- Construção de carreira e identidade profissional dos jornalistas de dados - Patrícia Lima
- O avesso do romântico: idealismo e precarização em novos arranjos de jornalismo - Dairan Mathias Paul
- Sustentabilidade financeira de meios jornalísticos nativos digitais brasileiros - Alessandra Natasha Costa Ramos
- O impacto da pandemia de Covid-19 no modelo de negócios dos portais de notícias de Santa Catarina - Ricardo Aoki
- Transparência como valor e prática: contribuições do Projeto Credibilidade - Denise Becker
- Práticas profissionais e discursivas nas redes de comunicação do agronegócio - Suelyn da Luz

MESA 6: Jornalismo digital e Tecnologia (14h)

Mediação: Raquel Longhi e Stefanie da Silveira

- Estratégias de familiarização e autorreflexão em visualizações de dados interativas - Olga Clarindo Lopes
- Produção e publicação no jornalismo *mobile first* no Brasil - Jéssica Karina Weirich
- A apropriação do *Instagram Stories* pelo *Estadão* e as narrativas do noticiário *Drops* - Dara Yanca Zimmermann

- Tensionamentos entre plataformas, mediações algorítmicas e a *Agenda setting* - Lia Gabriela Pagoto

SEXTA-FEIRA - 19 DE MARÇO

MESA 7: Teoria do Jornalismo (9h)

Mediação: Gislene Silva e Samuel Pantoja Lima

- Um olhar para a crise de legitimidade jornalística a partir da Teoria Democrática - Marcionize Elis Bavaresco
- Colonialidade e afeto: para pensar a episteme do Jornalismo - Gabriela Bregolin Grillo
- Adaptações metodológicas na pesquisa diante da pandemia de SARS-CoV-2 - Janaíne Kroubauer
- A crítica de imprensa em colunas de ombudsman - Juliana de Amorim Rosas
- A hiperespecialização do jornalismo com temas sobre o espaço sideral - Leoní Serpa

MESA 8: Radiojornalismo (14h)

Mediação: Valci Zuculoto e Juliana Gobbi

- Transformações da transmissão do radiojornalismo na live do Facebook: caso da Banda B - Gabriel Witiuk
- Programação radiojornalística maranhense - Nayane Brito
- Reconfiguração da reportagem radiofônica brasileira contemporânea - Arnaldo Zimmermann
- Do *hertz* ao *bits*: o uso da convergência por emissoras comunitárias maranhense - Jefferson de Sousa Moraes
- As características e estéticas dos podcasts jornalísticos frente ao rádio - Luís David Falcão Padilha
- Sondagem sobre jornalismo científico em rádios universitárias na pandemia - Paulo Roberto Santhias

APRESENTAÇÃO

Coordenação da Comissão Organizadora

Lauriano Atilio Benazzi, Malena Wilbert e Ricardo Aoki

(representantes dos discentes do PPGJOR/UFSC)

Este é o caderno de resumos da 10ª Jornada Discente do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina. Em tempos tão difíceis, onde a pós-graduação, a universidade e a educação estão sob forte ataque de setores obscuros da sociedade e da política brasileira, os trabalhos aqui apresentados são frutos de muito esforço científico de seus autores, resultados de escolhas pautadas em pesquisas, e não de achismos ou aventuras pelas bordas da terra plana.

Realizada em momento em que a pandemia de Covid-19 atingia um de seus ápices e já havia ceifado a vida de mais de 280 mil brasileiros, entre eles mais de uma centena de jornalistas no Brasil, esta publicação também é uma homenagem às vítimas dessa terrível doença e aos familiares enlutados. Registrar esse momento é uma forma e foco de resistência, como outros espalhados pelas universidades brasileiras, em prol da sobrevivência dos centros democráticos, independentes e autônomos, para a construção de um país socialmente desenvolvido e plural.

Em formato totalmente on-line e com apresentações ocorridas entre 15 e 17 de março de 2021, esta edição da Jornada Discente faz parte do calendário 2020, adiamento decorrente dos percalços, lockdowns, isolamento social e interrupções decorrentes da pandemia. Isso fez com que estudantes e coordenação somassem forças para encarar o desafio de manter este importante espaço de difusão e troca da ciência e do conhecimento que envolve o Jornalismo. Mesmo com o sucesso, esperamos que tenha sido a única edição realizada totalmente remota. Queremos que, nas próximas jornadas, todos já tenham sido vacinados (contrariando a linha anti-ciência do governo genocida), para que assim possamos nos encontrar presencialmente com sinergia e muita troca de ideias e ideais.

Em um momento de duros impactos sociais em que uma onda neofascista avançou sobre direitos que foram conquistados com muita luta no transcurso de décadas, a 10ª Jornada Discente também precedeu o primeiro edital de ingresso do PPGJor com cotas para negros, indígenas, quilombolas, transexuais e travestis, pessoas com deficiência e refugiados. Nessa perspectiva, a mesa de abertura teve como tema “Ações afirmativas na construção do conhecimento em Jornalismo”, com a participação das professoras Fabiana Moraes (UFPE) e Leslie Sedrez Chaves (UFSC), e de Eric Marky Terena, jornalista, especialista em etnomídia e idealizador do projeto Mídia Índia. Como não poderia ser diferente, o momento foi de grande reflexão sobre todo o processo de discussão realizado desde 2019 pelos professores, alunas e alunos do Programa.

Os 37 trabalhos apresentados foram concentrados em nove mesas temáticas, organizadas a partir dos objetos de estudo dos discentes, totalizando mais de 30 horas de discussões. Na mediação, professores e egressos engrandeceram os debates. Com estes positivos elementos, os resultados não são meros fragmentos de pesquisas desenvolvidas pelos discentes, mas compõem uma rica bibliografia, com foco nas discussões que se fazem perenes no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC. Assim, esperamos que este documento converta-se em fonte de inspiração e consulta para pesquisadoras e pesquisadores do Jornalismo.

Para conquistar estes resultados, um engajado corpo discente buscou expertises e se superou, em momento em que a construção coletiva deu a tônica. Com estrutura de trabalho inédita e colaborativa, o grupo foi dividido em oito comissões que foram a fundo, em meses de trabalho, com empatia, abraçando a Jornada. A Coordenação Geral e os responsáveis pelas demais comissões agradecem imensamente ao corpo docente, à coordenação e à vice-coordenação do PPGJor, que em todos os momentos estiveram juntos nesta parceria. O agradecimento se estende àqueles que se inscreveram, participaram, apresentaram, assistiram, interagiram e debateram. Mas, além disso, um especial abraço àqueles que arregaçaram as mangas, que resolveram problemas tecnológicos e burocráticos; que submergiram no mundo das lives; que perderam horas de sono em sistematizações, revisões e montagens de escalas; que deram total atenção à divulgação e à diagramação; que se preocuparam com as certificações; e que realizaram um primoroso cerimonial. O sucesso da 10ª Jornada Discente, mesmo em momento humano tão obtuso, só foi possível graças a todas e todos.

Esperamos que as leituras a seguir evidenciem o esforço científico demandado por pesquisadoras e pesquisadores que, mesmo com as angústias do momento, sobrevivem há mais de um ano. Tenha a certeza de que os trabalhos estão sendo desenvolvidos sob as mais adversas condições. Muitos ficaram em isolamento, longe de seus familiares, amores e cidades; com internet precária, sem os equipamentos adequados e sem acesso ao campus e à estrutura da Universidade. Muitos ficaram doentes ou perderam entes e conhecidos, o que por si só já é um soco no estômago. Para piorar, muitos perderam suas bolsas de pesquisa, impacto da desordem proposital e desdobramentos da perseguição e aniquilação da ciência, com ministros da educação incompetentes e obscurantistas. Nesse cenário, as pesquisas aqui apresentadas, que continuam em desenvolvimento, são nosso grito de resistência. Devem ser lidas e refletidas sob o cenário ao qual elas estão sendo produzidas.

TRANSFORMAÇÕES NO JORNALISMO

Fotojornalismo de agências internacionais de notícia: mutações em tempos de pandemia

Lauriano Atílio Benazzi

O processo de reportagem nas narrativas de “repórteres especiais”

Magali Moser

Jornalismo de dados: desafios no ensino e mudanças nas práticas profissionais

Mariane Pires Ventura

Fotojornalismo de agências internacionais de notícia: mutações em tempos de pandemia

Lauriano Atílio Benazzi¹ – Doutorado

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Cárilda Emerim

Linha de Pesquisa: Tecnologias, Linguagens e Inovação

Palavras-chave: fotojornalismo; agência de notícia; ideologia; fenomenologia da imagem; Covid-19.

Com as transformações no modo de produção e de distribuição do jornalismo nas últimas duas décadas, as grandes agências internacionais de notícia adaptaram-se à tecnologia e aos novos modelos de negócio, passando a também distribuírem suas produções diretamente para o público via portais e aplicativos. Em paralelo ao tsunami de transformações midiáticas, o leitor deixou de ser um consumidor passivo de notícias, convertendo-se em agente ativo, em espectro que também tem o imagético com papel de protagonismo nos meios de comunicação.

A partir destes cenários, o objetivo da pesquisa é o de investigar as mutações do fotojornalismo das agências internacionais de notícias, a partir de três óticas latentes: 1) das transformações estética, cuja hipótese é que o fotojornalismo contemporâneo tem excessivo apelo estético (aqui nominado hiperplasticidade), com a diminuição de momentos que se aproximam das *spot-news e features* (SOUSA 1998; BENAZZI, 2010) e com maior incidência de produções (BAEZA, 2001); 2) das nuances ideológicas, partindo-se da hipótese fotografias de uma mesma cobertura oriundas de agências distintas têm resultados informacionais ideologicamente destoantes; e 3) das adaptações aos novos modelos e formatos de distribuição e consumo das notícias, não mais com o filtro do *broadcasting*, mas alinhada à cultura de conexão (JENKINS, FORD; GREEN, 2014) e incidindo na produção.

Com tal objeto de estudo – que é o fotojornalismo contemporâneo de agências internacionais, adentra-se no *intermezzo* entre a terceira revolução do fotojornalismo delineada por Sousa (2000) e uma quarta revolução do fotojornalismo que começa a descortinar-se, tendo como cerne o consumo, a tecnologia e o imagético. Compõem o objeto empírico fotografias veiculadas pelas agências *Associated Press, UPI, France Presse, Reuters, Sputnik, Xinhua e Euronews*, cujo *corpus* originalmente delineado tratava das fotografias registradas durante a pandemia da covid-19, em 2020 e 2021, capturadas nos aplicativos das agências. Por aspectos diversos intrínsecos à pesquisa, o *corpus* está em fase de ajustes e delimitações.

O percurso metodológico objetiva um caminhar cartográfico exploratório-explicativo, que envolve: pesquisa historiográfica relativas ao fotojornalismo e às agências internacionais, com nuances da pesquisa descritiva (voltada para as mudanças do modelo de distribuição); reflexões sobre a ideologia da notícia, com estófo teórico em Groth (2011), Žižek (2007) e outros expoentes; e aportes teórico-metodológicos da fenomenologia da imagem e da espetacularização da notícia (HEIDEGGER, 1999; DEBORD, 1995; BAUDRILLARD, 1997). Tal conjunto será ‘mixado’ pela teoria da complexidade de Morin (2005). Para seleção e análises das fotografias serão aplicados subsídios da pesquisa qualitativa e ferramentas da análise de conteúdo.

Os resultados preliminares aportam em trabalhos recentes que serviram de *test drive* para a coleta empírica e pré-estruturação analítica, com imagens coletadas a partir de portais de notícia. Chegou-se à divisão prévia em quatro grupos de imagens (ou grandes grupos de pautas): 1) cidades vazias; 2) saúde em paradoxo; 3) a morte e a dor; e 4) novo, normal e desigual. Além dessa codificação, tem-se como conclusões preliminares: a) a ideologia permeia o fotojornalismo das agências internacionais; b) a globalização midiática é faceta fortemente presente, com sinergia entre concorrentes e cruzamentos diversos na produção e distribuição; c) há o imperativo dos pseudo-acontecimentos; e d) a ação dos profissionais do fotojornalismo durante a pandemia resgatou elementos ancestrais que vinham sendo ignorados face ao momento contemporâneo à hiperplasticidade da contemporaneidade (muito presente nas grandes premiações da área), em um novo resfolegar as atividade.

Nota

¹ Estagiário Fapesc.

Referências

- BAEZA, P. **Por uma función crítica de la fotografía de prensa**. Barcelona: Gustavo Gili, 2001.
- BAUDRILLARD, J. **Simulacros e simulação**. Lisboa: Relógio D’água, 1991.
- BENAZZI, L. **Fotojornalismo: taxonomias e categorização de imagens jornalísticas**. Mestrado em Comunicação. Universidade Estadual de Londrina, 2010.
- DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- GROTH, O. **O poder cultural desconhecido**. Petrópolis, Vozes, 2011.
- HEIDEGGER, M. **Conferências e escritos filosóficos**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
- JENKINS, H. **A cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.
- JENKINS, H.; GREEN, J; FORD, S. **Cultura da conexão**. São Paulo: Aleph, 2014.
- MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2005.
- SOUSA, J. P. **Fotojornalismo performativo**. Porto: UFP, 1998.
- SOUSA, J. P. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2000.
- ZIZEK, S. (Org). **Um mapa da ideologia**. São Paulo: Contraponto, 2007.

O processo de reportagem nas narrativas de “repórteres especiais”

Magali Moser¹ – Doutorado

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Meditsch

Linha de Pesquisa: Cultura e Sociedade

Palavras-chave: Jornalismo; reportagem de transgressão; conhecimento tácito; “repórteres especiais”; *Profissão Repórter*.

Esta pesquisa tem como objeto de estudo as narrativas de expoentes da profissão sobre o processo de reportagem, especialmente aquela entendida como “de transgressão” (MAROCCO, 2008). O objetivo geral é compreender tais interpretações pelo olhar de quem desempenha a função de repórter especial na hierarquia das redações, considerando seus saberes práticos de difícil sistematização, o poder simbólico exercido pelo grupo e a referência assumida na socialização das rotinas produtivas. Narrativas coletadas em entrevistas em profundidade constituem o objeto empírico da análise, cujo referencial metodológico se inspira na análise crítica da narrativa (MOTTA, 2013). Parto dos pressupostos de que jornalismo é uma forma de conhecimento (GENRO FILHO, 2012; MEDITSCH, 1992) e de que é necessário deixar jornalistas falarem por si próprios para compreender melhor as suas práticas (MAROCCO, 2012).

Reúno aqui concepções teóricas em torno da reportagem no jornalismo, noção central para a pesquisa. Embora repetidamente citada como essência do jornalismo, a reportagem é um termo de difícil definição, utilizado com acepções diversas no campo jornalístico. A busca por um conceito do que seja reportagem se manifesta na tendência de estudá-la no âmbito dos estudos de gêneros jornalísticos, sobretudo na bibliografia europeia, especialmente espanhola, mas também com tradição no Brasil pelo menos desde o final dos anos 1960, com Luiz Beltrão. Focados inicialmente na modalidade textual, sob predominância da teoria funcionalista e influência morfológica, os estudos sobre gêneros jornalísticos iniciaram como heranças dos gêneros literários e historicamente se constituíram em torno da necessidade de diferenciar a informação do comentário.

Nessas pesquisas, é comum a definição de reportagem em oposição à notícia: com maior possibilidade de explicação, análise da informação e estruturação das narrativas, além da presença de múltiplas vozes e exploração de díspares ângulos. Estudos de gêneros jornalísticos costumam se guiar pela lógica classificatória, tendo o espanhol José Luis Martínez Albertos (1974) como uma das referências mais citadas. No Brasil, José Marques de Melo (2020) e Manuel Chaparro (1998) assumem tal protagonismo, com perspectivas teóricas distintas. As primeiras discussões no país sobre o gênero interpretativo, com ênfase para a reporta-

gem autoral, iniciaram com Cremilda Medina e Paulo R. Leandro (1973). Estudos iniciais abriram caminho para tornar a reportagem um objeto consolidado, não somente uma técnica ou formato, podendo ser entendida como metodologia do jornalismo (OSORIO VARGAS, 2017).

Independentemente da plataforma midiática adotada, esta pesquisa compreende a reportagem como potencial espaço para a transgressão, que tensiona certezas da práxis jornalística, questiona noções disseminadas na cultura profissional e inspira novas práticas. Cunhada por Beatriz Marocco (2008), a noção de reportagem de transgressão pressupõe ouvir quem se afasta dos atributos de autoridade, produtividade e credibilidade do jornalismo dominante. À luz das reflexões de Michel Foucault, Marocco (2008), seguida por Boff (2011), defende um “giro no tratamento da fonte jornalística”, forjando a escuta de fontes normalmente silenciadas da cobertura. Reivindica que sujeitos de seu próprio discurso ganhem a condição de fontes, para além da autoridade formal insistentemente consultada e cristalizada no discurso jornalístico, valorizando as informações das ruas em contraponto aos não-ditos dos jornais.

Nota

¹ Bolsista Fapesc.

Referências

- BOFF, F. **Reportagem**: transgressão nas fronteiras do jornalismo. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2011.
- CHAPARRO, M. C. **Sotaques d’aquém e d’além mar**: percursos e géneros do jornalismo português e brasileiro. Santarém: Jortejo, 1998.
- GENRO FILHO, A. **O segredo da pirâmide**. para uma teoria marxista do jornalismo. Florianópolis: Insular, 2012.
- MARTÍNEZ ALBERTOS, J. L. **Redacción Periodística**: los estilos y los géneros em la prensa escrita. Barcelona: ATE, 1974.
- MAROCO, B. Reportagem de transgressão: um giro no tratamento da fonte jornalística. In: BERGER, C.; MAROCO, B. **Ilha do Presídio**: uma reportagem de ideias. Porto Alegre: Libretos, 2008, p. 33-47.
- MAROCO, B. **O Jornalista e a Prática**: entrevistas. São Leopoldo: Ed. da Unisinos, 2012.
- MARQUES DE MELO, José. Conceito, categorias e géneros do jornalismo. In: MARQUES DE MELO, J.; ASSIS, F. de (Orgs.). **Gêneros jornalísticos**: estudos fundamentais. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2020. p. 119-166.
- MEDINA, C.; LEANDRO, P. R. **A arte de tecer o presente**: jornalismo interpretativo. São Paulo: Média, 1973.
- MEDITSCH, E. **O conhecimento do jornalismo**. Florianópolis: Ed. UFSC, 1992.
- MOTTA, L. G. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Ed. da Universidade de Brasília, 2013.
- OSORIO VARGAS, R. H. **El reportage como metodología del periodismo**. Una polifonía de saberes. Medellín: Ed. Universidad de Antioquia, 2017.

Jornalismo de dados: desafios no ensino e mudanças nas práticas profissionais

Mariane Pires Ventura – Doutorado

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rita de Cássia Romeiro Paulino

Linha de Pesquisa: Tecnologias, Linguagens e Inovação

Palavras-chave: Jornalismo; jornalismo de dados; ensino de jornalismo; formação profissional.

O Jornalismo de Dados (JD) é uma prática que envolve a apuração jornalística em bases de dados, geralmente públicas, e exige do profissional o conhecimento de ferramentas e técnicas para realizar a raspagem e a mineração desses dados (TRÄSEL, 2014). Essa pesquisa parte da premissa de que a academia é o espaço de ensino no qual os futuros jornalistas devem ter contato com a teoria e o conhecimento e práticas de apuração, tal como o Jornalismo de Dados. Estudos recentes apontam para uma carência no ensino de disciplinas nessa área nos cursos de graduação (MIELNICZUK; TRÄSEL, 2017). Dessa forma, essa pesquisa investiga essa lacuna em contraponto com as necessidades que a prática da profissão exige, visando propor uma estrutura que supra ou diminua tal hiato. Essa pesquisa adota a triangulação como método de pesquisa, que se caracteriza pela combinação de instrumentos metodológicos (YIN, 2001; TUZZO; BRAGA, 2016). Fazendo-se, neste caso, o uso de pesquisa exploratória conforme Gil (2008), para mapear os cursos e currículos; aplicação de questionários e entrevistas com professores de JD, profissionais e pesquisadores da área.

Na primeira etapa da pesquisa, verificou-se no portal e-MEC (Cadastro Nacional de Cursos e Instituições de Educação Superior Cadastro) 509 registros de instituições que continham “jornalismo” entre os cursos ofertados. Filtrando apenas os cursos ativos, chegou-se ao número de 305 IES. Para encontrar o site da instituição e as respectivas matrizes curriculares, pesquisou-se no *Google* pelo nome de cada uma delas. Ao encontrar o currículo, buscou-se nas matrizes por disciplinas que contivessem em seu título palavras como “dado”, “dados”, “jornalismo investigativo”, “matemática/estatística”. Entre as 305 IES foi encontrada alguma disciplina relacionada ao JD em 88 delas, o que representa cerca de 29%. Nas 217 restantes, em 173 não foi encontrada qualquer ocorrência dos termos buscados (57%), e em 44 instituições (14%) parte dos cursos não foram encontrados (27) ou apenas a matriz não foi encontrada e nem houve resposta do e-mail de solicitação (17). Todas as ementas coletadas foram agrupadas para realização de uma análise lexicométrica com objetivo de verificar os termos que se coincidem.

Na segunda etapa da pesquisa, após a passagem pelo Comitê de Ética, foram realizadas entrevistas com professores e alguns profissionais que atuam no jornalismo de dados com objetivo de verificar e fazer contrapontos entre os dois lados. Como última parte da pesquisa, será feita a compilação e análise dos três itens coletados.

Referências

GIL, António Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas S.A., 2008. Disponível em: <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf>. Acesso em: 26 out. 2019.

MIELNICZUK, Luciana; TRÄSEL, Marcelo. Data-driven journalism as professional innovation and its challenges for education. **Contemporanea Comunicação e Cultura**, Salvador, v. 15, n. 2, p. 609–629, 2017.

TRÄSEL, Marcelo. Jornalismo guiado por dados: aproximações entre a identidade jornalística e a cultura hacker. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, [s. l.], v. 11, n. 1, p. 291, 2014.

TUZZO, Simone Antoniacci; BRAGA, Claudomilson Fernandes. O processo de triangulação da pesquisa qualitativa: o metafenômeno como gênese. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 4, n. 5, p. 140–158, 2016.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

GÊNERO E FEMINISMO

Características da crítica feminista de jornalismo acadêmica

Gabriela Almeida

Jornalistas em aliança: a formulação de uma perspectiva de gênero transnacional

Jessica Gustafson

Quebrando o teto de vidro? Trajetórias de mulheres jornalistas em contexto de crises

Andressa Kikuti Dancosky

Construção da perspectiva de gênero no jornalismo da Revista AzMina

Gabriela Schander

O discurso jornalístico sobre a primeira transmissão da Copa do Mundo Feminina

Letícia de Castro

Características da crítica feminista de jornalismo acadêmica

Gabriela Almeida¹ – Doutorado

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Gislene Silva

Linha de Pesquisa: Cultura e Sociedade

Palavras-chave: crítica; crítica de jornalismo; crítica feminista de jornalismo.

Pensar a respeito da crítica no jornalismo e no feminismo parece algo óbvio. Ambos, jornalismo e feminismo, são campos de estudos e práticas em que a crítica é princípio estruturante. Não tem como imaginar um feminismo que não seja crítico nas suas ações e também um jornalismo que não reivindique uma leitura crítica do mundo. Essas são afirmações tão repetidas e internalizadas que não nos damos conta da banalização do uso da palavra crítica. Caímos na armadilha de pensar a crítica apenas como a ação pura de oposição ao que está dado. Além disso, corremos o risco de utilizar o termo, nestes dois campos de estudos, com o sentido restrito do dicionário ou do senso comum, sem considerar a potência do seu conceito para pensar o jornalismo e o feminismo e, principalmente, suas interlocuções.

A preocupação em compreender os significados e as apropriações de crítica pelo feminismo para tratar o jornalismo é o que me motiva para a pesquisa. As consequências desse impulso de investigar edificam o objeto de estudo, que é as características da crítica feminista de jornalismo acadêmica. Esse objeto é atravessado por um percurso que tem início em 2017, momento no qual iniciava o mapeamento das teses e dissertações defendidas entre 1972 e 2015 em programas de pós-graduação brasileiros em Comunicação e Jornalismo para responder como as mulheres são estudadas no Jornalismo, com intento de identificar as articulações epistemológicas entre o Jornalismo e o Feminismo nessas pesquisas. As primeiras respostas da minha dissertação formam um cenário propício para novas questões que ultrapassavam os objetivos ali estabelecidos.

A partir do mapeamento, observei que no período entre 1972 e 2015 as teses e dissertações que travam diálogo entre Jornalismo e Feminismo se concentram no tema da representação das mulheres em produtos jornalísticos e que, majoritariamente, criticam modelos hegemônicos de jornalismo – mais de 11% criticam a cobertura da *Folha de S.Paulo* e aproximadamente 16% a da *Revista Claudia* (ALMEIDA, 2018). Esses dados me levaram a questionar sobre essa crítica, em um primeiro passo para estruturar a tese. Quais são as críticas ao jornalismo que pesquisadoras e pesquisadores mobilizam ao se apropriarem de debates em

torno do feminismo e das questões de gênero? As críticas apresentadas nas primeiras pesquisas ainda se repetem nas mais recentes? Quais os sentidos e significados adotados para conceituar crítica? Em que medida a crítica feminista de jornalismo acadêmica contribui para a reflexão teórico-metodológica na pesquisa em Jornalismo?

Pensar as características da crítica feminista de jornalismo acadêmica a partir de teses e dissertações auxilia também a caracterizar o próprio campo do Jornalismo e as suas articulações com o Feminismo e Gênero. Além disso, dá continuidade ao movimento crescente e importante de meta pesquisa que trata das relações entre Comunicação, Jornalismo, Feminismo e Gênero (ALMEIDA, 2018; ESCOSTEGUY, 2008; TOMAZETTI, 2019) ao propor estender o mapeamento até o ano de 2019 para investigar 47 anos da produção acadêmica.

O caminho teórico metodológico da pesquisa apoia-se no método da história do conceito para investigar a conceituação de crítica na filosofia, literatura e política, e observa as práticas críticas do jornalismo em diálogo com as correntes de pensamento feministas para pensar a crítica feminista de jornalismo acadêmica a partir de um exercício propedêutico. Esse percurso é fundamental para a construção de categorias para a seleção das teses e dissertações a serem analisadas assim como para a formulação de um guia de leitura capaz de responder ao nosso objetivo: identificar as características da crítica feministas de jornalismo com o propósito de destacar as contribuições do Feminismo para o campo do Jornalismo. A princípio, com inspiração no trabalho de Yasmine Dabbous, a análise é constituída de três eixos: i. as definições de jornalismo, crítica e feminismo das pesquisas; ii. os temas abordados, visando compreender quais as preocupações do feminismo para com o jornalismo; iii. o desenvolvimento das definições de jornalismo, crítica e feminismo e dos temas abordados.

Nota

¹O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Referências

ALMEIDA, Gabriela. **A mulher na pesquisa em Jornalismo:** teses e dissertações defendidas em programas de pós-graduação em jornalismo e comunicação do Brasil (1972-2015). 149 f. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2018.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina (Org.). **Comunicação e gênero:** a aventura da pesquisa. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

TOMAZETTI, Tainan Pauli. **Genealogia dissidentes:** os estudos de gênero nas teses e dissertações em comunicação do Brasil (1972-2015). 201 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

Jornalistas em aliança: a formulação de uma perspectiva de gênero transnacional

Jessica Gustafson¹ – Doutorado

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Daiane Bertasso

Linha de Pesquisa: Cultura e Sociedade

Palavras-chave: Jornalismo; feminismo; perspectiva de gênero; tradução; equívoco.

O jornalismo produzido por feministas pode ser considerado uma estratégia de ação política (WOITOWICZ; PEDRO, 2010) e entre as especificidades desta estratégia está a construção de redes de Jornalistas com Perspectiva/Visão de Gênero, principalmente em países da América Latina e ligadas à *Red Internacional de Periodista con Visión de Género* (RIPVG). Ao congregar jornalistas de mais de 30 países, a rede internacional coloca em circulação uma série de saberes sobre a prática jornalística feminista e parece atuar também como uma rede de proteção das profissionais frente aos ataques reacionários e de grupos anti-direitos que avançam na região latino-americana.

Desta forma, sugiro a seguinte questão para explicar o problema da minha pesquisa: se o jornalismo enquanto uma prática social reflete a sociedade em que está inserido, então também está refletindo essa expressiva parcela de ativistas e jornalistas, inseridas em suas comunidades específicas, mas viajando por entre lugares (COSTA, 2010) na construção da RIPVG, pensando cotidianamente novas possibilidades de habitar o(s) mundo(s) a partir de suas práticas jornalísticas. E esta busca por outras formas de habitá-lo(s), incluindo a conexão com outros mundos que se estruturam em um movimento dentro e fora da lógica moderno/ocidental, acontece a partir da tradução e do reconhecimento de que os conhecimentos são corporificados e parciais, por tanto, limitados e abertos a outras alteridades (HARAWAY, 2019). Questiono, então, o que seria o jornalismo com perspectiva de gênero? Em uma rede com integrantes de diferentes países, culturas, experiências, gênero significa/se refere a mesma coisa? A perspectiva de gênero no jornalismo proposta pelas RIPVG abarca os marcadores sociais de raça, classe, sexualidade e etnia em seus contextos locais?

A categoria gênero é uma categoria equívoca, assim como outras categorias da diferença, segundo Claudia de Lima Costa (2020), tendo diferentes significados dependendo de quem a aciona. Ao articular o conceito equívoco, formulado por Viveiros de Castro, e o campo da tradução cultural, Costa (2020) passa a teorizar sobre a tradução enquanto equivocação, refletindo sobre as possibilidades de articulação feminista e “as viagens dos discursos

e das práticas através de fronteiras geopolíticas” (p. 333). Se a formação de alianças, nos termos de Marisol de la Cadena (2018), também implica atuar a partir do equívoco, tendo a incompreensão como parte inerente desta proposta política, a própria formulação de um jornalismo com perspectiva de gênero, construído em rede, também implica em equivocação e tradução.

Refletindo sobre a possibilidade destas alianças politicamente motivadas dentro do jornalismo, tomo como problema de pesquisa o diálogo estabelecido dentro da RIPVG na tentativa de identificar quais alianças (inesperadas) (CADENA, 2018) e conexões (parciais) (HARAWAY, 2019) as jornalistas feministas organizadas em rede estão tecendo na empreitada de construção de um jornalismo com perspectiva de gênero, que comporte as múltiplas experiências das jornalistas em seus contextos específicos, no intuito de subverter as lógicas masculinistas, racistas, heterossexistas, capitalistas e antropocêntricas deixadas pela matriz de dominação colonial no território geográfico e político hoje denominado de América Latina, presentes também no jornalismo e que afetam diariamente o exercício da profissão.

Nota

¹O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Referências

- CADENA, Marisol de La. Natureza incomum: histórias do antrope-cego. **Revista Do Instituto De Estudos Brasileiros**, n. 69, São Paulo: USP, 2018.
- COSTA, Claudia de Lima. Feminismos decoloniais e a política e a ética da tradução. In: HOLLANDA, H. B. (Org). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.
- COSTA, C. L. Feminismo, tradução cultural e a descolonização do saber. **Fragmentos**, n. 39, Florianópolis: UFSC, 2010.
- HARAWAY, Donna. **Seguir con el problema**. Generar parentesco en el chthuluceno. Bilbao: Consonni, 2019.
- SEGATO, R. L. Género y colonialidad: em busca de claves de lectura y de um vocabulário estratégico descolonial. In: BIDASECA, K.; LABA, V. V. (Orgs). **Feminismos y postcolonialidad**. Descolonizando el feminismo desde y em América Latina. Buenos Aires: Godot, 2011. p. 17-47.
- WOITOWICZ, K. J.; PEDRO, J. M. Feminismo e ativismo midiático: o jornalismo como estratégia de ação política. In: **Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 9 – Diásporas, Diversidades, Deslocamentos**, Florianópolis, 2010.

Quebrando o teto de vidro? Trajetórias de mulheres jornalistas em contexto de crises

Andressa Kikuti Dancosky¹ – Doutorado

Orientador: Prof. Dr. Jacques Mick

Linha de Pesquisa: Cultura e Sociedade

Palavras-chave: Sociologia do Jornalismo; trajetórias profissionais; Jornalismo e gênero.

Com o mundo do trabalho cada vez mais flexível, o tema do “projeto de vida e carreira” de jornalistas torna-se central para pesquisas acadêmicas. Estudos sobre trajetórias profissionais de jornalistas ainda são raros (BASTIN; MICK; KIKUTI, 2020), mas sua importância é crescente na medida em que ajudam a entender como profissionais entram no mercado de trabalho, o que fazem enquanto nele permanecem e em que momento se afastam da profissão.

O jornalismo tem se tornado uma profissão majoritariamente feminina nas últimas décadas, embora tenha sido dominada por homens até o final do século XX. Se, em 1995, as mulheres eram 28% das jornalistas no mundo, em 2009 esse número subiu para 37%, e em 2012, na Europa, já havia atingido 47% (HANUSCH; HANITSZCH, 2012). No Brasil, elas são ampla maioria e representam 64% do total de profissionais do setor (MICK; LIMA, 2013). Apesar disso, têm piores condições de trabalho: acumulam mais funções, ganham salários piores que os homens e adoece mais problemas laborais (PONTES; LIMA, 2019). As trabalhadoras do sexo feminino enfrentam, ainda, uma série de barreiras para chegar a posições de comando – o chamado “teto de vidro” (STEINER, 2017), construído por preconceito de gênero. Isso talvez explique a maior migração delas para fora do jornalismo, em um processo de “desfeminização” da profissão: menos da metade das mulheres jornalistas que trabalhavam na mídia em 2012 permanece nela cinco anos depois (KIKUTI; ROCHA, 2020).

Os problemas de pesquisa dos quais parte a tese de doutorado da autora são: Como são as trajetórias profissionais de mulheres jornalistas em um contexto de crise e transformações no mundo do trabalho no Brasil? Que papel desempenham a raça, o lugar de origem, o tipo de formação, o nível de qualificação e a idade nos processos de permanência, ascensão profissional ou saída delas do jornalismo?

Tais problemas de pesquisa estão dentro do escopo das questões abarcadas pela investigação comparativa internacional *flexMediaLives*, fruto de parceria entre pesquisadores de universidades do Brasil (UFSC) e da França (*Université Grenoble Alpes* – UGA). O estudo produziu uma metodologia inovadora, que permitiu a constituição de uma base de dados de currículos de jornalistas publicados no *LinkedIn* dos países envolvidos, com o objetivo de reconstruir tra-

jetórias individuais, agregá-las por semelhança e interpretar estratégias adotadas pelos profissionais no contexto de crise e de mudanças estruturais do ofício, em perspectiva comparada.

O objetivo geral da pesquisa é compreender quais fatores levam mulheres jornalistas a saírem da profissão ou a permanecerem nela, e quais fatores favorecem a ultrapassagem do teto de vidro no contexto de crise e transformações do trabalho. Entre os específicos, estão: 1) Analisar comparativamente trajetórias profissionais de homens e mulheres jornalistas no Brasil; 2) Identificar os padrões de movimento de carreira que caracterizam as jornalistas no Brasil: gravitação, derivação e dispersão; e 3) Entender quais estratégias mulheres jornalistas ocupantes de cargos de chefia, na mídia tradicional e em novos arranjos, adotam para lidar com o teto de vidro.

Os procedimentos metodológicos adotados pela tese de doutorado da autora envolvem fases quanti e qualitativa. A etapa quantitativa consiste na análise de uma base de dados inédita, colhida no âmbito do projeto de pesquisa *flexMediaLives*, contendo currículos de jornalistas brasileiros publicados na rede social *LinkedIn* até o início de 2020. A segunda, qualitativa, envolve entrevistas com profissionais do jornalismo. Como a tese está atrelada ao *flexMediaLives* e ambos estão em andamento, o avanço nas etapas de um contribui para o desenvolvimento do outro e, por vezes, os procedimentos metodológicos convergem.

Nota

¹O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Referências

BASTIN, G.; MICK, J.; KIKUTI, A. FlexMediaLives: o uso de perfis no LinkedIn para descrever carreiras no mundo do jornalismo. In: **Anais do 18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo** (SBPJor), 2020.

HANITZSCH, T; HANUSCH, F. 2012. Does gender determine journalists' professional views? A reassessment based on cross-national evidence. **European Journal of Communication**, v. 27, n 3. 2012.

KIKUTI, A.; ROCHA, P. M. Mercado de trabalho e trajetória profissional de jornalistas mulheres entre 2012 e 2017 no Brasil. In: PEREIRA, F. et.al. **Novos olhares sobre o trabalho no jornalismo brasileiro**. 1 ed. Florianópolis: Insular, 2020.

MICK, J.; LIMA, S. **Perfil do Jornalista Brasileiro**: características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012. Florianópolis: Insular, 2013.

PONTES, F. S.; LIMA, S. P. Impactos do mercado jornalístico na vida de seus trabalhadores: um estudo sobre indicadores de saúde dos jornalistas brasileiros. **REVISTA FAMECOS**, v. 26, p. 1-19, 2019.

STEINER, L. Gender and Journalism. In: Oxford Research Encyclopedia of Communication. **Oxford University Press USA**, 2017. DOI: <https://dx.doi.org/10.1093/acrefore/9780190228613.013.91>.

Construção da perspectiva de gênero no jornalismo da *Revista AzMina*

Gabriela Schander¹ – Mestrado

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Daiane Bertasso

Linha de Pesquisa: Cultura e Sociedade

Palavras-chave: Jornalismo; gênero; jornalismo com perspectiva de gênero; *Revista AzMina*.

Nas últimas décadas, as reflexões propostas pelas teorias feministas e os estudos de gênero trouxeram importantes contribuições para repensar pressupostos universais que até então eram tidos como referenciais em diferentes campos do conhecimento. Na Comunicação, e em específico no Jornalismo, não foi diferente. Algumas das investigações que trazem esse aporte teórico (ALLAN, 1998; SOUZA, 2014; BARBOSA; VARÃO, 2018) apontam considerações acerca do modo de produção das notícias ser permeado por noções e atribuições de gênero. Inclusive, destaca-se que o masculino é o gênero predominante do jornalismo (VEIGA DA SILVA, 2014).

Diante desse cenário, há o engendramento de arranjos que partem de outras proposições a fim de que esse masculino do jornalismo seja tensionado. A imprensa feminista, por exemplo, a qual existe no Brasil desde o século XIX, é uma das iniciativas que incorpora um contra discurso especialmente sobre direitos das mulheres na comunicação. Mais recentemente, a partir dos anos 1990 (BOIX, 2002), o surgimento de mídias com perspectiva de gênero foi capaz de reunir algumas das proposições da imprensa feminista e somar aos estudos de gênero que vêm sendo desenvolvidos desde a segunda metade do século XX, ampliando assim o debate de gênero nos meios jornalísticos.

Vale destacar que o jornalismo com perspectiva de gênero não se trata de uma especialidade e não há uma teoria que o defina (WOITOWICZ, 2018). Ele é caracterizado, especialmente na América Latina, por diversos manuais, livros e cartilhas feitas para cursos, os quais apresentam sugestões para situações determinadas, possíveis questionamentos a serem feitos, glossário de termos, guia de fontes, bibliografia para consulta, entre outros. Portanto, tudo que há sobre o tema são experiências, análises, informações e instituições que se referem à prática (CHAHER; SANTORO, 2007).

A partir do levantamento e consulta a esses materiais produzidos na América Latina que aparecem com mais frequência em referências cruzadas, os seguintes eixos foram relacionados à prática de um jornalismo com perspectiva de gênero: diversificação de fontes,

linguagem inclusiva, transversalização temática, subjetividade da prática jornalística e ampliação de representações de gênero.

Partindo dessas caracterizações, o objeto de pesquisa da dissertação é a construção de um jornalismo com perspectiva de gênero pela *Revista AzMina*. Os objetivos são: a) analisar os elementos que constituem uma perspectiva de gênero no jornalismo; e b) perceber como a *Revista AzMina* mobiliza tais elementos nas reportagens produzidas. O objeto empírico é a *Revista AzMina*, uma revista digital lançada no ano de 2015. O *corpus* é constituído de 31 reportagens publicadas na seção Especiais da revista entre junho de 2016 e julho de 2020. A metodologia utilizada é a Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011).

Nota

¹O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Referências

- ALLAN, Stuart. (En)gendering the truth politics of news discourse. In: CARTER, C.; BRANSTON, G.; ALLAN, S. **News, gender and power**. London: Routledge, 1998.
- BARBOSA, Karina; VARÃO, Rafiza. Erro, dúvida e jornalismo generificado: um olhar sobre a cobertura de estupro a partir da reportagem “A rape on campus”. **Brazilian Journalism Research**, Brasília, v. 14, n. 1, p. 12-29, 2018.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BOIX, Montserrat. Sociedad civil y redes de mujeres en las nuevas tecnologías de la comunicación. **Mujeres en red**, 2002. Disponível em: <http://www.mujeresenred.net/spip.php?article302>. Acesso em: 4 out. 2020.
- CHAHER, Sandra; SANTORO, Sonia. **Las palabras tienen sexo: introducción a um periodismo con perspectiva de género**. Buenos Aires: Artemisa Comunicación Ediciones, 2007.
- SOUZA, Juliana. A invisibilidade das mulheres nos media: quando a representação de gênero define o sexo da notícia. **Media & Jornalismo**, Lisboa, v. 14, n. 25, p. 91-103, 2014.
- VEIGA DA SILVA, Marcia. **Masculino, o gênero do jornalismo: modos de produção das notícias**. Florianópolis: Insular, 2014.
- WOITOWICZ, Karina Janz. **Experiências jornalísticas com enfoque de gênero no Equador: Resistência feminista no ambiente digital**. Relatório pós-doutoral. Escuela de Postgrado do Centro Internacional de Estudios Superiores de Comunicación para América Latina (CIESPAL). Quito, 2018.

O discurso jornalístico sobre a primeira transmissão da Copa do Mundo Feminina

Letícia de Castro¹ – Mestrado

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Daiane Bertasso

Linha de Pesquisa: Cultura e Sociedade

Palavras-chave: jornalismo esportivo; discurso jornalístico; gênero; futebol feminino; 8ª Copa do Mundo de futebol feminino.

Em 2019 aconteceu a 8ª edição da Copa do Mundo de Futebol Feminino, sediada na França, entre 07 de junho e 07 de julho, e teve, pela primeira vez na história, a transmissão da maior rede de televisão brasileira, a Rede Globo. Fazendo um breve resgate histórico, podemos dizer que a representação do futebol como um símbolo de expressão da cultura brasileira se deu, sobretudo, através da Copa do Mundo de Futebol. O maior campeonato futebolístico do planeta, como explica Guedes (2002), tornou-se durante o século XX um verdadeiro ritual para os brasileiros – ocasião propícia para a celebração da brasilidade e construção simbólica da identidade nacional. Porém, apesar de o Brasil representar toda uma nação, as diversas esferas do nosso futebol ainda demonstram abarcar majoritariamente um público específico: o masculino. A história da modalidade no país é demarcada por um silêncio historiográfico da presença feminina. A participação de mulheres brancas da elite no futebol brasileiro era considerada uma ameaça à hierarquia vigente, e por isso, foi oficialmente proibida no país por quase 40 anos: em 1941 foi instituído um decreto-lei (3.199, art. 54) que, de forma geral, apontava que as mulheres não deveriam praticar esportes que não fossem adequados “à sua natureza”, entre eles o futebol.

Os argumentos que sustentam esses discursos estão ancorados em uma representação essencialista dos gêneros, segundo a qual a cada sexo correspondem algumas características que lhe são inerentes e estas os definem (GOELLNER, 2005). Com isso, esse desequilíbrio das relações estabelecidas entre os sexos em todo o contexto futebolístico brasileiro contribuiu para o pouco investimento público e privado direcionado ao futebol de mulheres no Brasil, e à falta de narrativas da imprensa esportiva brasileira sobre este futebol.

Considerando que o jornalismo, desde o início da prática do futebol de mulheres no país, tem tratado com desigualdade mulheres e homens nas coberturas esportivas, a decisão da emissora é um marco importante e surge como fato inédito e relevante nos estudos de gênero no futebol brasileiro. Contudo, a Copa do Mundo de 2019 na França trouxe dados que comprovam que o interesse popular pela modalidade existe, além de ter resultado em mu-

danças significativas quanto à administração e à estrutura da modalidade no Brasil – embora ainda estejamos longe de considerar que este é um processo que ocorre de forma homogênea ou livre de contradições.

Dentro destas perspectivas, o discurso jornalístico da imprensa brasileira sobre a Seleção Feminina na primeira transmissão televisiva do Mundial de Futebol Feminino (2019) constitui o objeto de estudo desta pesquisa e se propõe analisar especialmente no que diz respeito ao papel do jornalismo na produção de sentidos sobre o futebol de mulheres, tendo como referência os jogos da Seleção Brasileira realizados durante a Copa. Esta investigação tem a Análise do Discurso de linha francesa como referencial teórico-metodológico e adota-se gênero, jornalismo esportivo e discurso jornalístico como seus conceitos centrais.

Nota

¹O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Referências

GOELLNER, Silvana. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v.19, n.2, p.143-151, abr/jun, 2005.

GUEDES, Simoni Lahud. O Brasil nas Copas do Mundo: tempo “suspenso” e história. In: **Anais da XXIII Reunião Brasileira de Antropologia**, Gramado – Rio Grande do Sul, 2002.

CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS, DIREITOS HUMANOS E CIDADANIA

Os Povos Guarani na Imprensa: aproximações e distanciamentos entre Brasil e Paraguai
Tatiane K. Barbosa de Queiroz

Cobertura jornalística sobre direitos humanos de crianças e adolescentes no Brasil
Lynara Ojeda de Souza

Quando uma de nós morre: as notícias de feminicídio nos portais online catarinenses
Malena Wilbert

Corpos dissensuais em comunidade: um reexame de subjetivações nos “fotojornalismos”
Rafael Giovani Venuto

A dimensão emocional do jornalismo na valoração das vozes dos sujeitos pobres
Rafael Winch

A formação universitária e o jornalismo profissional feito a partir das periferias
Juliana Freire Bezerra

Representações sociais de pessoas com deficiência em notícias no portal G1
Thais Araujo de Freitas

Representações de imigrantes venezuelanos no Jornal Nacional
Ricardo Borges Leite

Os povos Guarani na imprensa: aproximações e distanciamentos entre Brasil e Paraguai

Tatiane K. Barbosa de Queiroz – Doutorado

Orientador: Prof. Dr. Jorge Kanehide Ijuim

Linha de Pesquisa: Cultura e Sociedade

Palavras-chave: povos indígenas; Guarani; narrativas jornalísticas; Paraguai.

Em suas raízes históricas, antropológicas e culturais, Brasil e Paraguai compartilham diversos aspectos em comum, dentre eles, as suas populações indígenas advindas do mesmo tronco étnico: os “povos Guarani”. Estes povos foram expulsos de suas terras e tiveram suas populações reduzidas devido ao processo de colonização de seus territórios. No Brasil, a população Guarani é formada por cerca de 65 mil indígenas (IBGE, 2010), no Paraguai, conta com 60 mil (DGEEC, 2012). O processo de ocupação de territórios tradicionalmente indígenas por não indígenas no território ocupado pelos povos Guarani, localizado na região de fronteira do Brasil com o Paraguai, iniciou após o fim da Guerra da Tríplice Aliança¹, em meados de 1890, com a instalação de empreendimentos como a Cia Matte Laranjeiras². Algumas décadas mais tarde, com o início da atividade pecuária e a implantação das fazendas de gado, iniciou um desmatamento sistemático na região, o que provocou a dispersão de dezenas de aldeias indígenas (BRAND, 1997).

A Constituição Federal do Brasil, de 1988, assegura aos indígenas o direito de reaver seus territórios tradicionais. O documento estabeleceu um prazo de cinco anos para a regularização fundiária, no entanto, os conflitos gerados pelas disputas pela terra e as “batalhas judiciais” para a demarcação dos territórios persistem até os dias atuais. Na mesma perspectiva, a Constituição Nacional do Paraguai, promulgada em 1992, reconheceu os povos indígenas, em seu artigo 62, e garantiu a eles direitos como identidade, propriedade comunitária, participação, educação e saúde, entre outros. As questões relacionadas à terra e ao território continuam sendo o “problema primordial” (VILLAGRA, 2016).

Mesmo com direitos assegurados aos povos indígenas pelas Constituições dos dois países, é fato que, em ambos, os conflitos e as manifestações motivadas pela não garantia destes direitos geram pautas que permeiam as manchetes dos jornais regionais, nacionais e internacionais. Observamos, em estudos anteriores, a imprensa promovendo o silenciamento e reforçando estereótipos negativos dos povos indígenas.

Desta forma, esta pesquisa tem como objetivos a compreensão dos fatores, ou seja, dos “porquês” que guiam a práxis de repórteres, de ambas as nacionalidades, diante de temas

relacionados aos povos Guarani, além da tentativa de uma abordagem sobre as aproximações e os distanciamentos entre o jornalismo praticado em ambos os países. Ao entender o jornalismo como forma de conhecimento (PARK, 2008; GENRO FILHO, 2012), pretendemos apreender as contribuições dessa práxis jornalística na produção de discursos, assim como na construção social de realidades.

O objeto empírico é a cobertura jornalística sobre as questões indígenas, em especial no que tange à problemática do território envolvendo os povos Guarani, produzida pelos principais ciberjornais do Brasil e do Paraguai. O *corpus* da investigação, ainda em construção, conta com reportagens dos ciberjornais *Folha de S. Paulo*, *O Globo*, *La Nación* e *ABC Color*, no período de 1º de janeiro de 2019 a 31 de dezembro de 2021. A metodologia compreende recursos da Análise Crítica da Narrativa (MOTTA, 2013), além de entrevistas em profundidade (DUARTE, 2015) com repórteres dos veículos citados.

Notas

¹ Foi travada entre o Paraguai e a Tríplice Aliança, composta pelo Brasil, Argentina e Uruguai, de 1864 a 1870.

² Atuou na exploração de erva-mate no Sul de Mato Grosso do Sul, na época, ainda Mato Grosso. Utilizou mão-de-obra indígena.

Referências

BRAND, A. J. **O impacto da perda da terra sobre a tradição Kaiowá/Guarani**: os difíceis caminhos da palavra. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

CERNA VILLAGRA S. P. Yvy Marae’y: el conflicto del Estado con los pueblos indígenas en Paraguay. **America Latina Hoy**, v. 60, p. 83-115, 2012.

DIRECCIÓN GENERAL DE ESTADÍSTICAS, ENCUESTAS Y CENSOS (DGEEC). **Memoria del II Censo Nacional de Población y Viviendas**. Asunción: STP-DGEEC, 2002.

DUARTE, J. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, J.; BARROS, A. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2015.

GENRO FILHO, A. **O segredo da pirâmide**. Para uma teoria marxista do jornalismo. Florianópolis: Editora Insular, 2012.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico 2010**. Disponível em: <http://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em: 5 mar. 2019.

MOTTA, L. G. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

PARAGUAI. **Constitución de la República del Paraguay de 1992**. Promulgada em 20 de junho de 1992. Disponível em: http://www.oas.org/juridico/mla/sp/pry/sp_pry-int-text-const.pdf. Acesso em: 18 mar. 2017.

PARK, R. A notícia como forma de conhecimento. In: BERGER, C.; MAROCCO, B. (Orgs). **A era glacial do jornalismo**: teorias sociais da imprensa, Vol. II. Porto Alegre: Sulinas, 2008.

Cobertura jornalística sobre direitos humanos de crianças e adolescentes no Brasil

Lynara Ojeda de Souza¹ – Doutorado

Orientador: Prof. Dr. Jorge Kanehide Ijuim

Linha de Pesquisa: Cultura e Sociedade

Palavras-chave: Jornalismo; cobertura jornalística; direitos humanos; crianças; adolescentes.

Nesta pesquisa, acredita-se que o jornalista exerce papel fundamental na garantia dos direitos humanos, seja por meio de denúncias de violações de direitos, na fiscalização das ações do Estado na oferta e gestão de políticas públicas que garantem a cidadania plena dos indivíduos ou na divulgação dos direitos garantidos na legislação. Porém, contrariando o esperado acerca do papel destes profissionais na cobertura de direitos humanos, a hipótese que orienta este trabalho é a de que existe um distanciamento entre as percepções que os jornalistas possuem sobre direitos humanos e o que manifestam, de modo pouco complexo, ao abordarem o tema em seus textos jornalísticos.

É de conhecimento que as rotinas de trabalho, a exigência de produções factuais e ágeis, cada vez mais constantes e atendendo a uma dinâmica mercadológica, afetam diretamente uma cobertura jornalística aprofundada e complexa como exige a temática estudada. Admite-se, assim, que os fatores são muitos e difíceis de elencar com exatidão, podendo ir desde procedimentos editoriais, cerceamentos políticos e econômicos, condições temporais e espaciais. E nesse terreno que é afetado por tantos elementos e disputas simbólicas, é importante observar como os jornalistas trabalham para assegurar que o compromisso com a defesa dos direitos humanos, previstos na Declaração Universal dos Direitos Humanos e também no Código de Ética do Jornalistas seja cumprido.

A partir de tais reflexões, esta pesquisa tem como objeto de estudo a distância entre as percepções dos jornalistas sobre direitos humanos de crianças e adolescentes e o modo como expressam a temática em seus textos jornalísticos. Tendo como objetivos investigar o que jornalistas brasileiros compreendem como direitos humanos de crianças e adolescentes, analisar o modo como abordam o tema nos textos que produzem e cotejar a distância entre as percepções desses profissionais sobre a temática e o que expressam nos seus textos jornalísticos.

O percurso metodológico compreende o levantamento das matérias jornalísticas sobre direitos humanos de crianças e adolescentes veiculadas no jornal *Folha de S. Paulo* on-line (www.folha.uol.com.br) e no site da *Agência Brasil*² (agenciabrasil.ebc.com.br), no período

compreendido entre primeiro de janeiro de 2019 e 31 de dezembro de 2021. A seleção dos dois sites de notícias se dá pelo fato de serem de abrangência e relevância nacional. A *Folha de S.Paulo* é, atualmente, o jornal on-line tradicional e comercial com maior número de visitas no Brasil, tendo em média 64 milhões de acessos mensais³. Isso indica a importância do jornal, bem como dos jornalistas na cobertura de notícias sobre direitos humanos no país. Já a *Agência Brasil* é pública e tem como uma de suas diretrizes a promoção dos direitos humanos⁴. Após o levantamento quantitativo de reportagens, será realizada a seleção dos textos que deverão ser analisados.

Motta (2013, p. 120), indica que “o texto é o ponto de partida para a análise, mas representa apenas o elo entre um narrador e um destinatário em contexto para produzir significado”, deste modo, após observar como essa relação de significados é construída nos textos jornalísticos, serão escolhidos, entre os autores, os profissionais para realização de entrevistas em profundidade. Segundo Duarte (2015, p. 62), a entrevista em profundidade é um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer. Para esta pesquisa, pretende-se construir questionamentos que façam os jornalistas entrevistados responderem o que compreendem como direitos humanos e como tais conhecimentos (ou não) são utilizados na construção de seus textos jornalísticos. Assim, almeja-se ter elementos que auxiliem a refletir e a discutir teoricamente sobre a temática estudada. “A entrevista em profundidade é uma técnica dinâmica e flexível, útil para apreensão de uma realidade tanto para tratar de questões relacionadas ao íntimo do entrevistado, como para descrição de processos complexos nos quais está ou esteve envolvido” (DUARTE, 2015, p. 64).

Notas

¹O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

²É uma agência pública de notícias vinculada à Empresa Brasil de Comunicação.

³Dados do site <https://www.similarweb.com> tendo como base o mês de dezembro de 2020.

⁴Em seu site a Agência Brasil afirma o seu compromisso com uma cobertura de temas de impacto no cenário nacional, em áreas como política, economia, cidadania, direitos humanos, pesquisa, inovação, cultura, saúde, educação, esporte e internacional

Referências

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, J. BARROS, A. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2015.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

Quando uma de nós morre: as notícias de feminicídio nos portais on-line catarinenses

Malena Wilbert – Mestrado

Orientador: Prof. Dr. Jorge Kanehide Ijuim

Linha de Pesquisa: Cultura e Sociedade

Palavras-chave: feminicídio; Jornalismo; discurso; direitos humanos.

Na legislação brasileira os direitos das mulheres são reconhecidos muito recentemente: apenas em 2002 a falta de virgindade deixou de ser motivo para anulação do casamento. Até 2005, o termo “mulher honesta” – expressão utilizada para servir de parâmetro comparativo e desqualificar as que não correspondem aos estereótipos designados ao gênero feminino – ainda fazia parte da Constituição Federal. A Lei Maria da Penha – que garante punições mais severas para a violência doméstica – é de 2006. A violência de gênero vem sendo propagada ao longo da história, entendê-la como crime é que é recente (WAISELFIZ, 2015).

O Brasil ainda ocupa o quinto lugar no ranking dos 83 países que mais matam mulheres. Durante a pandemia do coronavírus, a situação piorou: Dados do Instituto Brasileiro de Segurança Pública demonstram que houve um aumento de 22,2% dos casos de violência contra a mulher entre março e abril de 2020 (início do isolamento social), o que representa 143 mulheres sendo mortas por serem mulheres nos 12 estados brasileiros durante esse período. Diante desse cenário, entender o posicionamento da mídia e do jornalismo na cobertura desse tipo de crime é crucial.

Diante deste contexto, a presente pesquisa de mestrado em andamento tem como objeto de estudo o discurso sobre feminicídio em materiais informativos de portais on-line catarinenses. Buscamos entender como os veículos de comunicação catarinenses têm noticiado crimes contra a vida de mulheres, partindo do entendimento de que o jornalismo não apenas informa, mas é uma importante ferramenta para mudanças nos valores sociais (MENDES, 2004, p. 153).

Considerando essa perspectiva, faz-se necessário promover uma discussão sobre desigualdade de gênero e violência contra a mulher, assim como refletir sobre a função social do Jornalismo com relação aos Direitos Humanos. Sou orientada pela definição de gênero proposta por Heleieth Saffioti e Suely de Almeida (1995), que descrevem as relações homem/mulher como uma “gramática sexual, normatizando condutas masculinas e femininas”, pelas quais até mesmo as relações sociais entre mulher-mulher são controladas pelo poder

masculino, que impõe os limites da atuação das mulheres e “determinam as regras do jogo”. As autoras salientam que o inimigo da mulher não é o homem, mas a organização social de gênero “que cotidianamente é alimentada por homens e mulheres” e tida como natural. Entre as condutas normatizadas pela hierarquia de gênero está a violência, um componente de controle social da dominação masculina. “Disto resulta uma maior facilidade de sua naturalização, outro processo violento, porque manietta a vítima e dissemina a legitimação social” (SAFFIOTI; ALMEIDA, 1995, p. 32).

O percurso metodológico consiste na coleta dos materiais a serem analisados, notícias sobre o aumento da violência contra a mulher durante a pandemia, para posterior verificação de padrões presentes nos materiais informativos. Para tanto, vou buscar amparo em recursos de Análise Crítica do Discurso (FAIRCLOUGH, 2001) e Análise Crítica da Narrativa (MOTTA, 2013). Sustenta-se a hipótese de que os portais deixam de problematizar as questões de gênero, sociais e culturais envolvidas nos crimes contra a vida de mulheres.

Referências

- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- MENDES, J. M. Media, públicos e cidadania: algumas notas breves. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, [s.l.], n. 70, p. 147-158, 1 dez. 2004.
- MOTTA, L. G. **Análise Crítica da Narrativa**. Brasília: Editora Universidade.
- SAFFIOTI, H.; ALMEIDA, S. S. de. **Violência de Gênero: poder e impotência**. Rio de Janeiro: Revinter, 1995.
- WASELFIZ, J. J. **Mapa da Violência 2015 - Homicídio de mulheres no Brasil**. 2015. Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, ONU Mulheres, Organização Pan-americana da Saúde/Organização Mundial da Saúde, 2015.

Corpos dissensuais em comunidade: um reexame de subjetivações nos “fotojornalismos”

Rafael Giovani Venuto – Doutorado

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Flávia Garcia Guidotti

Linha de Pesquisa: Cultura e Sociedade

Palavras-chave: fotojornalismo; subjetivação; estética; política; comunidade.

Tão antigos quanto os “poréns” em torno do que se convencionou denominar “subjetividade” são os dilemas que envolvem o uso mesmo do termo, especialmente quando a complexidade de existências/experiências e sua relação no/com o sensível é pensada para além de uma perspectiva positivista e positivada. Sendo assim, perceber os movimentos de subjetivação como algo sempre incerto, em perpétuo fluxo e só podendo ser entendidos a partir de incertezas e fluxos quase oníricos, nos coloca diante de uma série de outras possibilidades e questões, algumas das quais tocamos na presente pesquisa.

Ao não prescrevermos exemplaridades no que tange os “fotojornalismos”¹, o que se busca aqui é “reconhecer” a própria transitoriedade do que nos é dado (ou dito) como subjetivo nas imagens fotojornalísticas. Trata-se também de fazer um movimento que abarque nuances implicadas no que ora propomos chamar de “vetores de subjetivação estético-políticos”, os quais atuariam “sobre o fio” (DIDI-HUBERMAN, 2019) e transitariam como ascensões e quedas sempre prementes e prenhes de possibilidades – jamais como funambulistas rígidos ante plateias e chãos previamente dados. Pelo contrário, parte-se do pressuposto segundo o qual o próprio bambear de relações visuais (no caso aqui informativas) perfaz e [con]forma tais vetores, o próprio bambear do que é visto e de quem se vê confundido na própria efemeridade de que são partícipes.

Também de Didi-Huberman, na esteira das imagens dialéticas preconizadas por Walter Benjamin, tomamos de empréstimo a ideia de imagem crítica, a qual coloca em colapso o próprio olhar, desencadeando rasgos, fissuras, buracos, por assim dizer, na própria experiência daquele que vê. Trata-se de “[...] uma imagem em crise, uma imagem que critica a imagem, e por isso de uma imagem que critica nossas maneiras de vê-la, na medida em que, ao nos olhar, ela nos obriga a olhá-la verdadeiramente [...]” (DIDI-HUBERMAN, 2010, p. 172).

Assim, inspirada metodologicamente na cartografia sentimental de Suely Rolnik, na qual ao cartógrafo “[...] não há nada em cima – céus da transcendência –, nem embaixo –

brumas da essência. O que há em cima, embaixo e por todos os lados são intensidades buscando expressão” (ROLNIK, 2007, p. 66) – a pesquisa se encaminha, inicialmente, à análise de imagens fotojornalísticas de três grupos de corpos “sem lugar”: pessoas em situação de rua, refugiados e membros de ocupações urbanas e rurais². Para tanto, além das noções acima aludidas, ainda a ideia de comunidade é incorporada à reflexão, ao que recorreremos principalmente a Jean-Luc Nancy, a quem o “corpo” é um dentro fora, um interior exterior, pois que o singular não é uma parte dentro da pluralidade, mas ele mesmo é plural e só existe em sua relação e exposição com/aos/entre outros singulares plurais (NANCY, 2016). A comunidade, por sua vez, seria a comunidade do existir, onde o que há é a partilha por ela mesma, onde o ser-em-comum seria algo como uma “comparição” (*comparution*).

Decorre disso que também consideramos de modo muito íntimo as noções de estética e política em Rancièrre (2005), o qual as vê como sinônimos, bem como os processos de subjetivação umbilicalmente ligados ao livre-jogo que caracteriza o regime estético das artes. Assim, em que pese seu viés historicamente informativo, alguns produtos dos fotojornalismos se apresentariam como potenciais vetores estético-políticos sempre carentes de um subjetivar jamais dado, certo, previsível, mensurável, portanto “sem rabo nem cabeça” (ao menos como hipótese), para falar novamente com Didi-Huberman (2019). Ao considerarmos o caráter sempre incerto e deslizante do chamado “real”, o estudo também reflete sobre os indecidíveis que perpassam quaisquer imagens, as quais conformam supostas “realidades” ao mesmo passo em que são conformadas por aqueles que as veem, construção em infinito processo, cíclica e para fora de qualquer círculo, sempre em transformação, sempre em acabamento não acabado, como o *avesso do avesso do avesso do avesso*, de Caetano Veloso.

Notas

¹ Utilizamos o plural de “fotojornalismo” por entendermos que ele, como atividade, é múltiplo, mas também por conta do espectro teórico ora trazido, o qual contempla a noção de “imagem crítica” em Didi-Huberman (2010).

² Por se tratar de uma pesquisa em estágio inicial, tanto os passos metodológicos quanto o objeto empírico não se encontram plenamente delimitados, o que deve acontecer em breve.

Referências

- DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha**. São Paulo: Ed. 34, 2010.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobre o fio**. São Paulo: Cultura e Barbárie, 2019.
- NANCY, Jean-Luc. **A comunidade inoperada**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016.
- RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. 14a ed. São Paulo: EXO experimental org., 2005.
- ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo: UFRGS Editora, 2007.

A dimensão emocional do jornalismo na valoração das vozes dos sujeitos pobres

Rafael Winch¹ – Doutorado

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Daiane Bertasso

Linha de Pesquisa: Cultura e Sociedade

Palavras-chave: discurso jornalístico; vozes; classe social; emoção; reportagem televisiva.

O objetivo da pesquisa é compreender o processo de valoração das vozes das classes populares no discurso jornalístico. Parte-se da hipótese de que o jornalismo concede e interdita posições de acordo com os lugares sociais dos sujeitos. Defende-se, ainda, que tal arranjo das vozes, em grande medida, é afetado pela aderência discursiva a variados tipos e níveis de emoção, sendo um processo que interfere na maneira como questões, temas e acontecimentos são apresentados pelo discurso jornalístico. Observa-se, assim, que os efeitos emocionais presentes nos modos de valoração das vozes colaboram para reforçar sentimentos como a aquiescência, o conformismo e a resignação entre os indivíduos pobres.

Seja uma notícia curta ou uma reportagem investigativa, o discurso jornalístico pode ser atravessado e constituído pela aversão, raiva, medo, tristeza, alegria, surpresa, desprezo, entre outros estados emocionais. No entanto, a herança deixada pelo paradigma positivista, por um longo tempo, contribuiu para que os vínculos entre jornalismo e emoção não fossem devidamente apreendidos em toda a sua importância. Persiste, ainda na atualidade, um misto de preconceito e ingenuidade nas visões – teóricas e profissionais – que desqualificam determinadas práticas jornalísticas ao presumirem que aspectos como qualidade e relevância estariam presentes somente no dito “jornalismo sério e objetivo” materializado nos conteúdos noticiosos supostamente mais afastados do universo das sensações. As perspectivas que diminuem o potencial político das emoções no jornalismo simplificam o debate ao insistirem na separação entre fatos e valores, e ao alegarem que as produções que exploram mais fortemente as sensações contribuiriam para um “emburrecimento” ou “McDonaldização” da atividade jornalística (WAHL-JORGENSEN, 2019). A sensível relação do jornalismo com a emoção, vale ressaltar, é parte do imaginário em torno da objetividade jornalística – muitas vezes, contornado pela presença de outras noções como a imparcialidade, a neutralidade e a isenção –, compartilhado socialmente, sobretudo, num contexto de democracia liberal.

A dimensão empírica do presente estudo é composta por reportagens dos programas televisivos *Profissão Repórter*, *Câmera Record* e *Caminhos da Reportagem*. Analiticamente, são

construídos procedimentos com base no aporte teórico-metodológico da Análise do Discurso (AD) em diálogo com a discussão teórica de conceitos como classe social, pobreza, fontes, emoção e reportagem televisiva. O estágio atual da pesquisa já apresenta alguns importantes resultados preliminares que reforçam a hipótese do trabalho. Com a análise de três edições dos já referidos programas foi possível observar que as fontes em situação de pobreza ocupam predominantemente posições de descrição, ilustração, lamentação em detrimento das posições de opinião, saber e proposição. As próximas fases da investigação incluem: a) análise das posições-sujeito de outras reportagens dos mesmos programas; b) exame da emoção como componente da valoração das vozes empreendida pelo jornalismo; c) problematização dos achados empíricos a partir da discussão teórica realizada nos três capítulos teóricos da tese já escritos.

Nota

¹ Bolsista Fapescc.

Referências

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.

BENETTI, Marcia. Jornalismo e perspectivas de enunciação: uma abordagem metodológica. **Intexto**, v. 1, n. 14, p. 1-11, janeiro/julho, 2006.

BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe. Gênero, raça, classe: opressões cruzadas e convergências na reprodução das desigualdades. **Mediações**, v. 20, n. 2, 2015.

JESPERS, Jean-Jacques. **Journalisme de télévision: enjeux, contraintes, pratiques**. De Boeck, 2009.

SOUZA, Jessé. **A ralé brasileira: quem é e como vive**. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

WAHL-JORGENSEN, Karin. An emotional turn in Journalism Studies?, **Digital Journalism**, v. 8, n. 2, 2019. DOI: 10.1080/21670811.2019.1697626 .

A formação universitária e o jornalismo profissional feito a partir das periferias

Juliana Freire Bezerra¹ – Doutorado

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Meditsch

Linha de Pesquisa: Conhecimento e Profissão

Palavras-chave: educação superior; jornalismo profissional; jornalismo das periferias.

O jornalismo vinculado à imprensa comercial historicamente se autodeclara como profissional. A ênfase nesse discurso visa não só realizar uma disputa pelo mercado, mas também demarcar as fronteiras e critérios de legitimação para a inserção na profissão e a construção de uma carreira na área entre agentes com recursos sociais diferenciados. Neste sentido, ainda que não seja exigido como pré-requisito para o exercício profissional desde 2009 no Brasil, o diploma em Jornalismo é considerado um dos marcadores de legitimação da profissionalização do jornalista e do seu trabalho. O referido título acadêmico simboliza o processo formativo pelo qual o sujeito passou para desenvolver as competências técnicas, éticas e estéticas que a profissão demanda, visando ao desenvolvimento de um jornalismo qualificado.

Associando o exposto com o fato de que no país as desigualdades sociais reverberam comumente em acesso desigual à educação formal, compreende-se em parte porque a construção de sentidos em torno do termo “jornalismo profissional” excluiu historicamente de seu espectro de reconhecimento o jornalismo feito sobre, para e a partir das periferias. No *continuum* histórico, esse jornalismo foi gestado no interior dos movimentos de base por cidadãos sem formação específica na área, que enxergaram no jornalismo um potente canal de comunicação popular e de educação para a transformação social. Dessa forma, a origem militante e artesanal desse jornalismo, combinada à falta de formação específica na área por parte dos seus integrantes, reforça a compreensão de que ele não estaria ancorado nos valores e códigos deontológicos tradicionais da profissão. Também pelo fato de ser regido por outra lógica de gestão, que não a da imprensa comercial, é questionado em relação à sua autonomia política.

A despeito disso, o estabelecimento recente e ainda tímido de políticas públicas inclusivas na área da educação superior no Brasil, materializadas em ações afirmativas e bolsas estudantis viabilizadas pelo Governo Federal na última década, tem trazido mudanças não só no campo das disputas pelas fronteiras que definem o que é ou não profissional, mas na própria forma como esse jornalismo é produzido. Em artigo intitulado “O dia em que o morro descer”, a jornalista Daiane Mendes, cofundadora do *Favela em Pauta*, registra o processo de

profissionalização do jornalismo feito sobre, para e partir das periferias e favelas brasileiras, em virtude do acesso dos sujeitos periféricos à formação universitária na área.

Ao longo da minha formação, aprendi que escrever é um processo subjetivo que deixa um pouco de si, de seus repertórios, de suas vivências, **e que não existe a imparcialidade construída** pela mídia hegemônica parcial [...]. Como acreditar em imparcialidade quando a produção jornalística, quase sempre baseada em construções subjetivas, é majoritariamente branca e elitista? Construir essa percepção foi fundamental para que, em 2017, eu cocriasse o portal Favela em Pauta, trabalhando com o conceito de **“jornalismo profissional”** nos temas relacionados às favelas cariocas e trazendo um olhar de dentro das favelas [...]. A partir dessa percepção, organizei um grupo de WhatsApp que reúne 30 jornalistas e/ou estudantes de jornalismo de diferentes favelas do Rio de Janeiro, da Baixada Fluminense e de Belo Horizonte. Assim como eu, eles representam **a primeira geração de universitários de suas famílias** (MENDES, 2020, s/p, grifos nosso).

Do exposto, formaliza-se a curiosidade epistemológica em torno desse fenômeno a partir da pergunta: quais transformações o acesso ao curso de jornalismo por sujeitos advindos de contextos periféricos traz ao jornalismo feito sobre, para e a partir das periferias? A mirada sobre isso se dará por meio de estudo de recepção com egressos ou estudantes de Jornalismo, na busca por compreender como a formação na área interfere na forma como esse jornalismo se posiciona politicamente e da práxis que realiza na contemporaneidade para corroborar sua profissionalização. Pesquisa bibliográfica ajudará na reconstrução histórica do jornalismo feito pelas classes populares das suas origens à profissionalização. Os objetivos específicos são o de investigar os sentidos atribuídos pelos sujeitos de pesquisa em torno do termo “jornalismo profissional” e dos aprendizados que eles afirmam ter adquirido por meio da formação profissional. Os cursos de graduação mencionados serão contextualizados. Uma das hipóteses é que, com o acesso à universidade, o jornalismo praticado por eles entra em sua terceira fase de existência, marcada por um distanciamento, em âmbito discursivo, que outrora inexistia no relacionamento com os movimentos populares, ainda que na prática isso não se efetive..

Notas

¹O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Referências

MENDES, Daiene. O dia em que o morro descer. **Piseagrama**, Belo Horizonte, n.14, s/p, 2020. Disponível em: <https://piseagrama.org/o-dia-em-que-o-morro-descer/>. Acesso em: 04 mar. 2020.

Representações sociais de pessoas com deficiência em notícias no portal G1

Thais Araujo de Freitas¹ – Mestrado

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Terezinha da Silva

Linha de Pesquisa: Cultura e Sociedade

Palavras-chave: Jornalismo; deficiência; representação social; portal G1.

As últimas décadas têm sido marcadas por importantes conquistas, sobretudo nos marcos legais, para assegurar os direitos das pessoas com deficiência no Brasil. Significativas mudanças ocorreram, impulsionadas pela Constituição Federal de 1988. Entre elas, a ratificação da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, aprovada em 2006 pelas Nações Unidas, e sua consequente entrada no ordenamento jurídico brasileiro com o *status* de emenda constitucional. Tal lei reconhece os direitos fundamentais das pessoas com deficiência, como acessibilidade, mobilidade, participação na vida política e social, e lhes assegura o direito à inclusão em diversas esferas – educação, trabalho, cultura, etc. Construída a partir do entendimento de que são as próprias pessoas com deficiência que sabem o que é melhor para elas mesmas, o lema “Nada sobre nós, sem nós” explicita o protagonismo reivindicado por esse grupo de cidadãos e cidadãs. Na prática, evidencia a necessidade de que elas sejam ouvidas, consideradas e que participem da construção das ações que as envolvam.

Apesar dessa importante mudança de paradigma na compreensão da deficiência e na forma de se lidar política e socialmente com a questão, ainda ocorrem frequentes violações de direitos de naturezas diversas. Tais violações se materializam em situações de opressão, discriminação e desigualdade de oportunidades que, além de se configurarem como distintas formas de violência, representam sólidas barreiras ao pleno desenvolvimento de quem nasce ou adquire deficiência ao longo da vida.

Diante desse contexto, o objetivo da pesquisa de mestrado em andamento é identificar e analisar as representações construídas pelo jornalismo sobre as pessoas com deficiência. Busca-se compreender em que medida o tratamento jornalístico dispensado às questões que envolvem esse grupo de pessoas reflete, nos variados temas abordados pela mídia, o protagonismo que elas assumiram na luta por direitos, resultando na potencialização de novas representações sociais sobre o seu lugar-cidadão e sobre as políticas e ações a elas destinadas. Assim, o objeto de estudo são as representações sociais de pessoas com deficiência em notícias publicadas pelo portal de notícias G1, escolhido como objeto empírico. O *corpus* da

pesquisa é composto por 376 notícias publicadas no portal G1 durante o ano de 2019. A análise será desenvolvida a partir do conceito de representações sociais, conforme a abordagem de Serge Moscovici (2015).

Compreende-se que nas sociedades contemporâneas o jornalismo, enquanto prática comunicativa institucionalizada (SILVA; FRANÇA, 2017, p. 2), desempenha papel fundamental na criação, recriação, no reforço e na atualização das representações acerca de acontecimentos, sujeitos e grupos sociais. Tais processos ocorrem sustentados em perspectivas, “mapas culturais” (HALL et al., 1993, p. 226) e valores sociais vigentes e compartilhados com a sociedade pelas mídias e pelos jornalistas (SILVA; FRANÇA, 2017, p. 10).

A dissertação deve ser organizada em torno de três eixos: 1) histórico das perspectivas sociais acerca das pessoas com deficiência e contextualização da sua luta por direitos no Brasil; 2) fundamentação teórica por meio da discussão do conceito de representações sociais (MOSCOVICI, 2015) e sua relação com a comunicação (FRANÇA 2004; JODELET, 2001) e, especificamente, com o jornalismo; 4) resultados da investigação sobre as representações sociais de pessoas com deficiência identificadas nos materiais jornalísticos analisados.

Notas

¹O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Referências

- FRANÇA, Vera Regina Veiga. Representação, mediações e práticas comunicativas. In: PEREIRA, M.; GOMES, R. C.; FIGUEIREDO, V. L. F. (Orgs.). **Comunicação, representação e práticas sociais**. Rio de Janeiro: PUC Rio; Ideias & Letras, 2004. p. 13-26.
- HALL, Stuart et al. A produção social das notícias: o *mugging* nos media. In: TRAQUINA, N. (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e ‘estórias’**. Lisboa: Vega, 1993.
- JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: UERJ, 2001. p. 17-44.
- MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais - investigações em psicologia social**. Ed. Vozes, 11ª edição, Petrópolis, RJ, 2015.
- SILVA, Terezinha; FRANÇA, Vera. Jornalismo, noticiabilidade e valores sociais. **E-Compós**, Brasília, v. 20, n. 3, set./dez. 2017. Disponível em: <http://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/1398/948>.

Representações de imigrantes venezuelanos no *Jornal Nacional*

Ricardo Borges Leite – Mestrado

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Terezinha da Silva

Linha de Pesquisa: Cultura e Sociedade

Palavras-chave: cobertura jornalística; representação; imigrantes venezuelanos; *Jornal Nacional*; migração.

Imigrantes tornaram-se objeto de pautas políticas, da imprensa e de discussões na sociedade nas últimas décadas. A migração não é um fenômeno recente, no entanto, mudanças econômicas, conflitos políticos e crises humanitárias levam a um número cada vez maior de pessoas a deixar seu local de origem. No Brasil, o aumento da entrada de estrangeiros deu-se em especial no início da década de 2000 e intensificou-se na década seguinte, oriunda principalmente de países africanos e do Haiti. A partir de 2015, a Venezuela começa a surgir como um importante local de partida de imigrantes que chegam ao Brasil.

O aumento da emigração de venezuelanos se dá após a progressão da crise econômica e política naquele país. De maneira bastante superficial, pode-se apontar que as crises mencionadas, que estão entrelaçadas, se amplificam com: a queda do preço do barril de petróleo, produto basilar para a economia venezuelana; o crescente conflito diplomático com EUA e União Europeia, que culmina em sanções econômicas; e, por fim, a relação combativa entre o governo de Nicolás Maduro (sucessor de Hugo Chávez, morto em 2013) e seus opositores.

Segundo o relatório anual do Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra) de 2018, a Venezuela ocupava o segundo lugar no número de pessoas que chegaram ao Brasil em 2017, atrás apenas do Haiti. Importante lembrar que dois anos antes, em 2015, a Venezuela não figurava na listagem. A chegada dos venezuelanos ao Brasil tornou-se um acontecimento com significativa e permanente cobertura na mídia nacional. O *Jornal Nacional*, principal telejornal da rede Globo e o de maior audiência na TV brasileira mantém os venezuelanos e a Venezuela presentes em seu noticiário com relativa frequência, ao longo deste período.

Partindo deste contexto, a pergunta norteadora desta pesquisa de mestrado é: de que forma o *Jornal Nacional* representa os imigrantes venezuelanos? Entendemos que o jornalismo desempenha um importante papel na sociedade ao participar do processo de construção e difusão de representações sobre atores e grupos sociais, que colaboram também para a construção de suas identidades. Assim, o jornalismo tanto pode reproduzir representações e estereótipos vigentes quanto questioná-los e estimular novas representações. Nosso obje-

tivo é identificar e analisar que representações o *Jornal Nacional* constrói sobre os imigrantes venezuelanos. A proposição teórico-metodológica se sustenta no conceito-operador de representação, conforme a abordagem proposta pelo sociólogo jamaicano Stuart Hall (2002, 2003, 2010, 2016). Também são importantes e relacionados os conceitos de identidade (HALL, 2003; WOODWARD, 2000; ELHAJJI, 2011) e estereótipo (DU GAY et al., 2013; HALL, 2016).

Escolhido o *Jornal Nacional* da rede Globo como objeto empírico, o *corpus* da pesquisa, que está em fase de definição, será composto por matérias sobre a Venezuela e os imigrantes venezuelanos exibidas entre janeiro de 2017 e dezembro de 2020. Tal recorte temporal para a escolha do *corpus* de pesquisa se dá pelo agravamento da crise político-social venezuelana, que intensificou tanto a movimentação de imigrantes, quanto o número de notícias sobre o país vizinho na mídia jornalística brasileira, com destaque para o *Jornal Nacional*.

Referências

- CAVALCANTI, L.; OLIVEIRA, T.; MACEDO, M. **Migrações e Mercado de Trabalho no Brasil**. Relatório Anual 2018. Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério do Trabalho/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração. Brasília, DF: OBMigra, 2018.
- CORRÊA, L. G.; SILVEIRA, F. J. N. da. Representação. In: FRANÇA, V. V.; MARTINS, B. G.; MENDES, A. M. (Orgs.). **Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade (GRIS): trajetória, conceitos e pesquisa em Comunicação**. 1ed. Belo Horizonte: PPGCOM-UFMG, 2014.
- DU GAY, P.; HALL, S.; JANES, L.; MACKAY, H.; NEGUS, K. **Doing Cultural Studies: The Story of the Sony walkman**. 2. ed. Londres: SAGE Publications, 2013
- ELHAJJI, M. Mapas subjetivos de um mundo em movimento: migrações, mídia étnica e identidades transnacionais. **Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y de la Comunicación**, v. 13, n. 2, 2011.
- HALL, S. **El trabajo de la representación**. IEP – Instituto de Estudios Peruanos: Lima, Maio, 2002.
- HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Unesco, 2003.
- HALL, S. **Sin Garantías: Trayectorias Y Problemáticas En Estudios Culturales**. Popayán: Enviñon Editores, 2010.
- HALL, S. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio/ Apicuri, 2016.
- WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

PROCESSOS DE PRODUÇÃO E TRABALHO

Construção de carreira e identidade profissional dos jornalistas de dados

Patrícia Lima

O avesso do romântico: idealismo e precarização em novos arranjos de jornalismo

Dairan Mathias Paul

Sustentabilidade financeira de meios jornalísticos nativos digitais brasileiros

Alessandra Natasha Costa Ramos

O impacto da pandemia de Covid-19 no modelo de negócios dos portais de notícias de Santa Catarina

Ricardo Aoki

Transparência como valor e prática: contribuições do Projeto Credibilidade

Denise Becker

Práticas profissionais e discursivas nas redes de comunicação do agronegócio

Suelyn da Luz

Construção de carreira e identidade profissional dos jornalistas de dados

Patrícia Lima – Doutorado

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rita de Cássia Romeiro Paulino

Linha de Pesquisa: Tecnologias, Linguagens e Inovação

Palavras-chave: mundo social; carreira; micromundo; jornalistas de dados; identidade.

A pesquisa tem como objeto de estudo a construção da identidade dos jornalistas de dados no Brasil a partir da carreira profissional. O objetivo é discutir, com base nos engajamentos, mobilidades, cooperações e organização no micromundo do Jornalismo de Dados (JD), como os profissionais da área constroem sua carreira.

Utilizamos o conceito de “mundo social” de Howard Becker (1982) e Anselm Strauss (1992) no âmbito dos estudos do interacionismo simbólico. Para os teóricos, as interações entre os variados atores e suas práticas vão além dos espaços institucionalizados e são premissas balizares para enxergar os movimentos de funcionamento e mudanças do espaço profissional. O indivíduo orienta suas ações a partir da maneira como ele interpreta e antecipa a reação do outro e do que ocorre ao seu redor. Aqui o conceito é usado para pensar a construção do jornalismo de dados na perspectiva de um estudo sobre identidade e carreira profissional dos atores.

O objeto empírico da pesquisa se constitui da realização de pré-campos com observação não participante e entrevistas com profissionais da área, o que possibilita um reconhecimento da atuação profissional no Brasil com suas mobilidades, relações e construções. A metodologia tem inspiração etnográfica baseada em entrevistas abertas com profissionais do JD.

Observa-se no Brasil a crescente atuação de jornalista e não-jornalistas na área, apontando mudanças na construção identitária. Os movimentos nesse micromundo nos possibilitam perceber como o grupo se mobiliza e constrói a prática do JD. A partir das entrevistas é possível verificar uma construção identitária que tem sustentação nas dinâmicas do profissional multifacetado, autodidata e que atua no contexto das mudanças trazidas pela cultura dos dados abertos na *web*. Um jornalismo pós-industrial, como já apontavam em 2013 C.W. Anderson, Emily Bell e Clay Shirky, da Escola de Jornalismo de Columbia, no estudo “Jornalismo Pós-Industrial: adaptação aos novos tempos”, em que os movimentos das empresas e dos jornalistas se estruturariam de maneiras diferentes das até então praticadas.

A tendência do princípio democrático dos dados governamentais abertos ou *open government* eclodiram diante do jornalismo. Os dados são abundantes e seu processamento tornou-se desafiador para os jornalistas. Diferente de quando os esforços desse profissional eram procurar e reunir dados, pois a informação era escassa (FLEW et al., 2012). É nesse cenário em que acontece o JD, um micromundo formado por variados atores sociais, de engajamentos múltiplos e mobilidades constantes.

Referências

- ANDERSON, C. W.; BELL, E.; SHIRKY, C. Jornalismo pós-industrial: adaptação aos novos tempos. **Revista de Jornalismo ESPM**, abril-junho, 2013, p. 30-89.
- BECKER, H. S. **Art worlds**. Berkeley & Los Angeles: University of California Press, 1982.
- FLEW, T.; SPURGEON, C.; DANIEL, A.; SWIF T, A. The promise of computacional journalism. **Journalism Practice**, v. 6, n. 2, 2012, p. 57-171. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/17512786.2011.616655>
- STRAUSS, A. L. **La trame de la négociation: sociologiequalitative et interactionnisme**. Paris: Éditions L'Harmahan, 1992.

O avesso do romântico: idealismo e precarização em novos arranjos de jornalismo

Dairan Mathias Paul¹ – Doutorado

Orientador: Prof. Dr. Rogério Christofolletti

Linha de Pesquisa: Conhecimento e Profissão

Palavras-chave: ética jornalística; novos arranjos de jornalismo; condições de trabalho.

A pesquisa investiga a dupla face dos “novos arranjos econômicos do trabalho do jornalista” (FIGARO, 2018), entre ideais normativos e condições precárias de trabalho. Os grupos são iniciativas jornalísticas que vão desde micro e pequenas empresas até organizações não-governamentais e coletivos.

Compreende-se que parte das motivações dos jornalistas que ingressam nos arranjos se dá pelo desejo de exercer uma prática jornalística que não seria possível em redações tradicionais. Estudos anteriores que entrevistam jornalistas destes grupos encontram respostas comuns: são profissionais que entendem o jornalismo como uma missão, um trabalho “artesanal” e estão comprometidos (ao menos no plano discursivo) com ideais normativos da profissão (DEUZE; WITSCHGE, 2020; FIGARO, 2018; PAUL, 2017; SILVA, 2017). Entre os jornalistas que migram de redações tradicionais para arranjos, pode-se supor que o deslocamento seria uma forma de atenuar o “sofrimento ético” (LELO, 2019) a que estão submetidos em organizações corporativas – ou seja, atenuar um quadro de violação consciente dos preceitos morais do jornalismo.

Discursivamente, portanto, jornalistas de arranjos alternativos estariam próximos de compartilhar um *ethos* romântico (LAGO, 2003) sobre o jornalismo. Contudo, seria reducionista atribuir esta como a única motivação para a formação dos grupos. Arranjos também são um “espaço de sobrevivência” no mercado, e seu crescimento pode ser uma resposta à crise da profissão e às sucessivas demissões em massa nas redações brasileiras (FIGARO, 2018; LELO, 2019). Acrescenta-se ainda as fragilidades econômicas dos grupos e o trabalho voluntário como regra, e não como exceção, o que dificulta a sobrevivência das iniciativas.

É a partir desse quadro geral que a tese busca investigar a dupla face dos arranjos, entre o ideal e a prática. Por um lado, podem ser formados por jornalistas comprometidos discursivamente com ideais normativos do jornalismo. Por outro, condições precárias de trabalho podem limitar a sua atuação e impactar na qualidade do que produzem. Nesse sentido, o sofrimento ético dos jornalistas pode ser até mesmo mais aguçado, já que, por falta

de recursos materiais e econômicos, não conseguem colocar em prática o tipo de jornalismo almejado.

A etapa inicial do estudo é de cunho exploratório e prevê um mapeamento nacional dos arranjos. Em seguida, será aplicada uma *survey* com jornalistas dos grupos para obter os dados gerais que dizem respeito à motivação para ingresso nos arranjos, os valores jornalísticos que defendem e as condições de trabalho nos quais atuam. Não se trata de um estudo exaustivo, mas suficiente para obter um panorama geral do objeto pesquisado. O esforço também se dá pela insuficiência de pesquisas quantitativas no campo da ética jornalística, que tende a obter suas conclusões a partir de abstrações normativas supostamente universais.

Pretende-se, a partir deste mapeamento geral, selecionar um número determinado de arranjos para a aplicação de entrevistas em profundidade. Os dados desta etapa visam responder à dupla face dos arranjos que nos interessa: como as possíveis condições precárias impactam seu trabalho e de que forma seus ideais defendidos são limitados pelos recursos disponíveis. Por fim, será aplicada uma análise de conteúdo no material noticioso produzido pelos arranjos, a fim de verificar se os ideais defendidos conseguem ser colocados em prática.

Espera-se que os resultados obtidos forneçam base para compreender de que forma as condições práticas afetam os ideais normativos do jornalismo em arranjos alternativos. Em última instância, a tese pode contribuir para uma teoria ética mais aberta às contingências da prática jornalística.

Nota

¹O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Referências

DEUZE, Mark; WITSCHGE, Tamara. **Beyond journalism**. Cambridge: Polity Press, 2020.

FIGARO, Roseli (Org.). **As relações de comunicação e as condições de produção no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia**. São Paulo: ECA-USP, 2018.

LAGO, Cláudia. De romântico e de louco... Reflexões sobre o romantismo jornalístico. In: **Anais do XII Encontro Anual da Compós**. Recife: UFPE/Compós, 2003.

LELO, Thales Vilela. **Reestruturações produtivas no mundo do trabalho dos jornalistas: precariedade, tecnologia e manifestações da identidade profissional**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.

PAUL, Dairan. **Valores morais em atos de jornalismo: reflexões sobre uma ética para não-jornalistas**. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

SILVA, Mariana da Rosa. **Tensões entre o alternativo e o convencional: organização e financiamento das novas experiências de jornalismo no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

Sustentabilidade financeira de meios jornalísticos nativos digitais brasileiros

Alessandra Natasha Costa Ramos¹ – Mestrado

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Stefanie Carlan da Silveira

Linha de Pesquisa: Tecnologias, Linguagens e Inovação

Palavras-chave: jornalismo digital; modelos de negócios; nativos; digitais; empreendedorismo e inovação; financiamento.

O conjunto de ferramentas tecnológicas mais leve, móvel e mais barato tem facilitado o surgimento do que Figaro (2018) chama de “novos arranjos econômicos do trabalho dos jornalistas”, ou seja, micro e pequenas empresas, organizações não-governamentais, organizações da sociedade civil, coletivos e quaisquer outros grupos de trabalhadores de comunicação e jornalismo.

Desta forma, esta pesquisa elege como objeto de estudo as formas de financiamento que possibilitam a sustentabilidade destes arranjos, ou meios jornalísticos nativos digitais brasileiros. Toma-se como objeto empírico composto e corpus o Mapa do Jornalismo Independente, publicado pela agência Pública (2016) com 217 iniciativas nativas digitais, e o conteúdo das respostas a questionários aplicados junto aos responsáveis por estas iniciativas presentes no mapa.

A pesquisa orienta-se pelo objetivo geral de discutir, com base nos modelos de negócios de meios jornalísticos nativos digitais existentes, formas de financiamento e rentabilização que possibilitam a sustentabilidade financeira de iniciativas nascidas na internet. Também orienta-se pelos seguintes objetivos específicos: a) atualizar o Mapa do Jornalismo Independente, indicando os veículos que continuam ativos e os que foram encerrados ou encontram-se inativos; b) verificar as fontes de receita das iniciativas mapeadas em funcionamento explicitadas nas informações publicadas no Mapa e nas plataformas digitais destas iniciativas; c) levantar outras fontes de receita das iniciativas mapeadas em funcionamento junto aos responsáveis por estas iniciativas por meio de questionário; e c) com base nas informações atualizadas do Mapa do Jornalismo Independente, propor um quadro de referências dos modelos de negócios de veículos jornalísticos nativos digitais brasileiros.

Sustentam-se duas hipóteses:

H1) a de que muitas das iniciativas de jornalismo digital independentes são encerradas ou encontram-se inativas pela dificuldade de se pensar formas de financiamento e rentabi-

lização e implementá-las em seus modelos de negócios, a fim de garantir a sustentabilidade do projeto;

H2) a de que as iniciativas em funcionamento que conseguiram estabelecer sua sustentabilidade financeira o fizeram a partir da diversificação de suas formas de financiamento e rentabilização para pelo menos três fontes de receita.

As ações metodológicas se dividem em duas etapas. Na primeira, é realizado o estudo do Mapa do Jornalismo Independente a partir: 1) do levantamento e categorização das iniciativas mapeadas que se encontram: a) ativas (atualizadas) e b) encerradas ou inativas (desatualizadas há mais de seis meses); e 2) da verificação de quais são as fontes de financiamento dos arranjos que permanecem ativos e a classificação dessas iniciativas em relação à quantidade de suas fontes de receita.

Dados preliminares obtidos nesta etapa mostram que, dos 217 arranjos presentes no Mapa do Jornalismo Independente, 127 (58,52%) permanecem ativos, enquanto 78 (35,94%) encontram-se encerrados/inativos. Um arranjo (0,46%), o Libertar.org, foi desconsiderado da amostra por não ter sido possível encontrar data de publicação em seu site, tampouco indicações de redes sociais, onde pudesse ser verificado se o meio continua ativo ou não. Foi identificado ainda um terceiro grupo, no qual estão inseridos outros 11 arranjos (5,07%): iniciativas, cujos sites encontravam-se desatualizados há mais de seis meses, mas havia publicações recentes em suas respectivas páginas no Facebook, portanto, os colocando num meio termo entre as duas categorias elencadas para este estudo. Representantes destes arranjos foram consultados sobre o status do veículo e se aguarda resposta.

A segunda etapa das ações metodológicas concentra-se na aplicação de questionários junto aos responsáveis pelas iniciativas mapeadas, direcionados aos dois grupos classificados na etapa anterior: 1) os responsáveis pelas iniciativas encerradas e inativas, com bloco de perguntas para verificar se encontram-se neste estado por falta de financiamento ou por motivos diversos; e 2) os responsáveis das iniciativas ativas para investigar seus modelos de negócios, focando no financiamento e rentabilização destes meios. Das respostas dos responsáveis pelas iniciativas em funcionamento serão extraídos dados que serão organizados em um quadro de referência dos modelos de negócios de veículos jornalísticos nativos digitais, observando os componentes de seus modelos de negócios: a) proposta de valor, b) fontes de receita e c) relacionamento com clientes. Finalmente, é realizada a verificação das hipóteses desta pesquisa.

Nota

¹O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Referências

FIGARO, Roseli (Org.). **As relações de comunicação e as condições de produção no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia**. São Paulo: ECA-USP, 2018. 245 p.

PÚBLICA. **O mapa do jornalismo independente** (Website), 2016. Disponível em: <https://apublica.org/mapa-do-jornalismo/>. Acesso em 20 de maio de 2020.

O impacto da pandemia no modelo de negócios dos portais de notícias de Santa Catarina

Ricardo Aoki¹ – Doutorado

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rita de Cássia Romeiro Paulino

Linha de Pesquisa: Tecnologias, Linguagens e Inovação

Palavras-chave: Jornalismo; Covid-19; pandemia; modelo de negócios.

O presente trabalho é resultado parcial de uma pesquisa on-line realizada no mês de novembro de 2020 que teve como objetivo fazer um levantamento inicial dos impactos da pandemia de coronavírus nos portais de notícias que estão situados na Região Metropolitana Carbonífera, no extremo sul catarinense, que compreende um total de 26 municípios com população estimada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2018 de 611.229 habitantes². O problema de pesquisa é entender qual o impacto a pandemia de coronavírus provocou no modelo de negócios desses veículos; e o objetivo é analisar esse impacto nos portais da região citada. Foram mapeados 20 portais de notícias na região e dez deles participaram desse levantamento através de um questionário on-line enviado para os gestores ou jornalistas responsáveis pelo veículo. O questionário foi dividido em quatro partes para avaliar a prática jornalística antes e durante a pandemia, o financiamento desses portais e a relação deles com as plataformas sociais. O recorte apresentado aqui tem relação apenas com esse último item analisado.

Os dez veículos analisados foram: *Jornal da Praia*, *Portal Içara News*, *Forquilha Notícia*, *Portal W3*, *Revista Sul Fashion*, *Criciúma Notícias*, *Sul Notícias*, *Post TV*, *Melhores Publicações* e *Portal Engplus*. Desses portais, seis participantes foram os proprietários, três seus editores chefes e um o jornalista responsável. Um dado levantado é o fato de oito desses portais não possuírem expediente visível em seus sites. Sobre isso, três responderam que não viam necessidade de mostrar ao público essa informação, um respondeu que iria avaliar a possibilidade de incluir e outro citou que a empresa proprietária do portal possui outros negócios e que não identificando os funcionários do jornalismo, esses não têm que justificar problemas relacionados a outros setores da empresa. O contraditório é que todas as empresas identificam os dados de expediente nas suas *fanpages* do Facebook, onde colocam o nome do jornalista, telefones, e-mail e endereço. Aliás, encontrar o telefone dos portais em seus próprios domínios é uma tarefa que necessita de muita navegação.

Todos os participantes da pesquisa possuem uma *fanpage* no Facebook e um perfil no Instagram. Seis possuem contas ativas no Twitter e nenhum tem conta no TikTok. Seis portais produzem conteúdo exclusivo para as redes sociais que não é publicado no seu domínio próprio, no entanto, todo o conteúdo produzido para o site também é publicado nas redes sociais. Para oito deles o Facebook é a plataforma social preferida para publicação de conteúdo e apenas dois participantes tem preferência pelo Instagram. Um desses é justamente o portal focado em moda. O WhatsApp é utilizado por todos, mas com finalidades diferentes. Cinco participantes disseram que usam o aplicativo apenas para receber pautas e contatos. Outros cinco disseram que usam para divulgar links de notícias. Dois para divulgar links para outras redes sociais e três para divulgação de notícias em grupos de propriedade do veículo. Entretanto, apenas metade dos veículos mantém grupos próprios de WhatsApp e justamente o portal situado na menor cidade é o que possui o maior número de grupos com 2 mil cadastrados.

Perguntados sobre a importância das plataformas sociais para a sobrevivência do portal, todos os participantes responderam que são muito importantes, pois as plataformas sociais são responsáveis pelo impulsionamento dos acessos ao site. Um dos portais relata que 80% do seu fluxo no site é proveniente das redes sociais. Dois participantes ainda relatam que é indispensável o veículo estar presente nas redes sociais, pois é ali que o público se encontra e se informa. Para oito participantes as redes sociais também ajudam o portal na captação de anúncios locais e dois entendem que elas atrapalham. Quando perguntados sobre uma taxação das redes sociais em prol do jornalismo, constatamos que não existe um consenso. Dois gestores consideraram que tal medida irá restringir a informação ao público pois tornariam o conteúdo um produto totalmente comercial e os pequenos sofreriam ainda mais perdas financeiras. Apesar de sete responderem que a proposta das redes sociais pagarem pelo conteúdo pode ser uma solução, também ficou nítido que eles não têm certeza se isso irá ser a salvação dos negócios. O resultado sugere que jornalistas e gestores dos sites têm preocupação com a qualidade do produto que entregam para seus leitores. Entretanto, a percepção é que as plataformas sociais têm um papel importante para gerar reputação em suas comunidades e que os portais periféricos tendem a vê-las com menos restrições que veículos do grande perímetro.

Notas

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

² Os dados podem ser acessados em: fnemrasil.org/regiao-metropolitana-carbonifera-sc/.

Transparência como valor e prática: contribuições do Projeto Credibilidade

Denise Becker¹ – Mestrado

Orientador: Prof. Dr. Rogério Christofoletti

Linha de Pesquisa: Conhecimento e Profissão

Palavras-chave: transparência; jornalismo; ética jornalística; Projeto Credibilidade; media *accountability*.

Desde a década de 1980, a transparência tornou-se um indicador social importante nos negócios, símbolo da democracia e peça-chave na política. Em diversos segmentos vem sendo aclamada como solução para os problemas de corrupção e confiança em governos, instituições, corporações e práticas profissionais (BERGER; OWETSCHKIN, 2019). No século XXI, a transparência se insere numa sociedade da informação, de cidadãos com oportunidades para estarem bem informados, esclarecidos, participativos, que ampliou a possibilidade de vigilância e exigência nas ações de governança pública, impulsionando reformas administrativas para uma cultura de compartilhamento do agir de cada instituição, comportamento cada vez mais cobrado entre os poderes, empresas e a sociedade (OLIVER, 2004). Aplicada ao jornalismo, traz elementos de abertura e acesso ao funcionamento interno de redações, seus processos, decisões e condutas por meio de ferramentas e técnicas para a identificação de uma informação quando esta for jornalística e confiável (CRAFT, 2019; FENGLER; SPECK, 2019; KARLSSON, 2010).

A dissertação em andamento tem como objeto de estudo a transparência como valor e prática nos indicadores do Projeto Credibilidade e suas contribuições para o jornalismo brasileiro, com ênfase na análise de como esse projeto promove a transparência nas redações. A iniciativa é uma extensão do *Trust Project* – consórcio internacional de organizações jornalísticas que buscam qualidade e credibilidade para o jornalismo por meio da adoção de padrões de transparência. O objetivo geral busca examinar as contribuições dos indicadores do Projeto Credibilidade para a implementação e promoção de padrões de transparência em redações. Para abordar o tema, foram mobilizados três conceitos que se entrelaçam de forma consistente à definição de transparência: credibilidade, ética e *media accountability*. Os procedimentos metodológicos adotados são a pesquisa bibliográfica e documental, o estudo de casos múltiplos, e entrevistas em profundidade, realizadas entre novembro de 2020 e fevereiro de 2021, utilizando a ferramenta Skype com gestores, editores, repórteres e *ombudsman* de três organizações de notícias aderentes ao projeto: o jornal *Folha de S. Paulo*, *Poder 360*, jornal *O Povo* e os gestores do Projeto Credibilidade no Brasil.

Até esta etapa da pesquisa, a literatura consultada e as observações já realizadas deram subsídios para o entendimento de que a transparência é construída socialmente em relação a um indivíduo, a uma instituição, a uma prática. Tal construção no jornalismo pode se dar em relação aos meios de comunicação, aos jornalistas, aos processos editoriais. Portanto, a depender do quê ou de quem, a transparência pode ter graus, intensidade de influência e capacidade de propagação. As atribuições de transparência adquirem diferentes variações e recebem critérios e pesos distintos (KOLISKA, 2015; MEIER, 2009; VOS; CRAFT, 2016). Ao final, os resultados devem permitir uma compreensão mais ampla e aprofundada do tema, e os efeitos dos protocolos do Projeto Credibilidade no trabalho diário dos jornalistas e organizações.

Nota

¹O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Referências

- BERGER, S.; OWETSCHKIN, D. (Eds.). **Contested Transparencies, Social Movements and the Public Sphere: multi-disciplinary perspectives**. London: Palgrave Macmillan, 2019.
- CRAFT, S. Transparency. In: VOS, T, P.; HANUSCH, F. (Eds.). **The International Encyclopedia of Journalism Studies**, 2019. DOI: 10.1002/9781118841570.iejs0097
- FENGLER, S; SPECK, D. Journalism and transparency: a mass communications perspective. In: BERGER, S.; OWETSCHKIN, D. (Eds.). **Contested Transparencies, Social Movements and the Public Sphere: multi-disciplinary perspectives**. London: Palgrave Macmillan, p. 119–149, 2019.
- HOOD, C. Transparency in historical perspective. In: HOOD, C.; HEALD, D. (Orgs.). **Transparency: the key to better governance?** New York: Oxford University Press, p. 3–23, 2006.
- KARLSSON, M. Rituals of Transparency, **Journalism Studies**, v. 11, n. 4, p. 535-45, 2010. DOI: 10.1080/14616701003638400
- KOLISKA, M. **Transparency and trust in journalism: an examination of values, practices and effects**. PhD, University of Maryland, College Park, USA, 2015.
- MEIER, K. **Transparency in Journalism: credibility and trustworthiness in the digital future**. Paper presented at the conference “The Future of Journalism”, Cardiff, UK, september, 2009.
- OLIVER, R. W. **What Is Transparency?** New York: McGraw-Hill, 2004.
- VOS, T.; CRAFT, S. The Discursive Construction of Journalistic Transparency, **Journalism Studies**, 2016. DOI: 10.1080/1461670X.2015.1135754.

Práticas profissionais e discursivas nas redes de comunicação do agronegócio

Suelyn da Luz¹ – Doutorado

Orientador: Prof. Dr. Carlos Augusto Locatelli

Linha de Pesquisa: Cultura e Sociedade

Palavras-chave: Jornalismo; comunicação e trabalho; discurso; agroecologia; agronegócio.

Este resumo traz elementos iniciais da tese de doutorado em Jornalismo, que desenvolvo na linha de pesquisa Cultura e Sociedade (PPGJOR/UFSC – turma 2018). O objetivo é compreender as relações entre a prática profissional jornalística e a comunicação organizacional do agronegócio. Em específico sobre discursos e práticas organizacionais (ANTUNES, 2020; FÍGARO, 2018a; FÍGARO, 2018b; ORLANDI, 2005; GUSTAFSON, 2019; VEIGA, 2014), a tese pretende refletir sobre constrangimentos e possibilidades resultantes das transformações no mundo do trabalho, que podem se materializar no discurso (ORLANDI, 2005), tanto na produção jornalística quanto no *marketing* de conteúdo (ou jornalismo de marca). A hipótese busca demonstrar que, no momento atual da crise estrutural do capital (SOUZA, 2017; 2018), a habilidade profissional jornalística é para o agronegócio mais uma mercadoria de acumulação de riquezas, e para a ruptura da humanidade com o metabolismo da natureza (FOSTER, 2005).

O trabalho de profissionais e o discurso jornalístico empregado nas funções diretas exercidas por profissionais das relações públicas ou *marketing* digital (BUENO, 2018), poderiam contribuir, assim, para a construção e manutenção simbólica do setor, mais do que somente para a imagem pública (WEBER, 2004) do mesmo. Com relação às ferramentas metodológicas da pesquisa, pretendo sistematizar as redes digitais de comunicação do agronegócio (mercadológica e mediática), com inspiração na tipologia de redes de comunicação pública (WEBER, 2017), desenvolvida a fim de aferir o papel e a qualidade da comunicação em democracias contemporâneas. Também planejo realizar entrevistas em profundidade com profissionais atuantes nessas redes, tanto na função de jornalista, quanto no desenvolvimento de conteúdos informativos de relações públicas e *marketing* digital. A pesquisa se encontra em fase de aprofundamento teórico e delimitação do *corpus* de análise. Prevê ainda preparação do roteiro, análise de projeto no Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) e execução de entrevistas em profundidade.

Nota

¹O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Referências

- ANTUNES, R. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital**. São Paulo: Boitempo, 2ª ed., 2020.
- BUENO, W. C. Crise reputacional e comunicação de marca: a estratégia da Odebrecht para “lavar” a sua imagem. **Revista Famecos** (On-line). Porto Alegre, v. 25, n. 2, 2018.
- FIGARO, R.; MOLIANI, J. A.; MARQUES, A. F.; KINOSHITA, J. Jornalismo digital: questões metodológicas da análise das condições de produção nos novos arranjos do trabalho dos jornalistas. In: **Anais do 18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**, 2020.
- FIGARO, R. (Org.) **As relações de comunicação e as condições de produção no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia**. São Paulo: ECA-USP, 2018a.
- FIGARO, R. O mundo do trabalho das jornalistas: feminismo e discriminação profissional. **Brazilian Journalism Research**, v. 14, n. 2, p. 570-591. 2018b.
- FOSTER, J. B. **A ecologia de Marx: materialismo e natureza**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- GUSTAFSON, J. **Jornalistas e feministas: a construção da perspectiva de gênero no jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2019.
- ORLANDI, E. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 5ª ed. Campinas: Pontes, 2005.
- SOUZA, R. B. R. Ontologia do jornalismo: trabalho do conhecimento e práxis noticiosa em tempos de crise. **E-Compós**, v. 20, n. 3., 2017.
- SOUZA, R. B. R. A dialética da crise do jornalismo: o sociometabolismo do capital e seus limites estruturais. **Intercom – RBCC**, v. 41, n. 2, 2018.
- VEIGA, M. **Masculino, o Gênero do Jornalismo: modos de produção das notícias**. Florianópolis: Insular, 2019.
- WEBER, M. H. Imagem Pública. In: RUBIM, A. A. C. (Org.). **Comunicação e Política: Conceitos e Abordagens**. Salvador: EDUFBA, 2004.
- WEBER, M. H. Nas redes de comunicação pública, as disputas possíveis de poder e visibilidade. In: WEBER, M. H.; COELHO, M. P.; LOCATELLI, C. A. (Orgs.). **Comunicação Pública e política: pesquisa e práticas**. 1. ed. Florianópolis: Insular, 2017.

JORNALISMO DIGITAL E TECNOLOGIA

Estratégias de familiarização e autorreflexão em visualizações de dados interativas
Olga Clarindo Lopes

Produção e publicação no jornalismo *mobile first* no Brasil
Jéssica Karina Weirich

A apropriação do *Instagram Stories* pelo *Estadão* e as narrativas do noticiário *Drops*
Dara Yanca Zimmermann

Tensionamentos entre plataformas, mediações algorítmicas e a *Agenda Setting*
Lia Gabriela Pagoto

Estratégias de familiarização e autorreflexão em visualizações de dados interativas

Olga Clarindo Lopes¹ – Mestrado

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rita de Cássia Romeiro Paulino

Linha de Pesquisa: Tecnologias, Linguagens e Inovação

Palavras-chave: jornalismo digital em base de dados; design da informação; narrativa digital; interação; personalização.

Frente aos avanços tecnológicos que tornaram possível quantificar os mais diversos aspectos da realidade, o jornalismo digital em base de dados (também conhecido como jornalismo guiado por dados ou jornalismo de dados) se apresenta enquanto modalidade de produção informativa que faz uso de técnicas da análise estatística para representar amplas coleções de dados (BARBOSA, 2007). Nesse tipo de narrativa a filtragem, recombinação e transformação de dados complexos em informação jornalística tem como objetivo auxiliar os leitores no processo de significação e aquisição de conhecimento sobre determinada situação ou fenômeno (CAIRO, 2011).

Uma das formas de apresentação desses agrupamentos de informações são as visualizações de dados (*datavis*), representações visuais de certas propriedades dos dados. Quando acrescidas de recursos interativos, que permitem que o leitor altere suas propriedades, as visualizações passam a contar com elementos de personalização, a configuração dos produtos jornalísticos de acordo com os interesses dos leitores.

A implementação de mecanismos de customização pode ser favorecida por características dos dispositivos em que essas produções serão acessadas, como é o caso dos sensores de georreferenciamento presentes em dispositivos móveis. A exibição de conteúdo relevante para a área onde um usuário está situado, o que Palacios et al. (2015) denominam como função de localibilidade, está atrelada à incorporação de *affordances*, propriedades de uma interface que permitem ao usuário deduzir sua função sem a necessidade de explicação prévia.

A partir do estudo dos padrões de estruturação argumentativa em visualizações de dados narrativas (BACH et al., 2018) e das técnicas de interpretação ativa (HOHMAN et al., 2020), optamos por observar as instâncias de personalização relacionadas à familiarização, como a utilização da função de localibilidade, e de autorreflexão, como os modelos de visualizações preditivas (ARZA-OTANA; SALAVERRÍA, 2019).

Como técnica de coleta e compreensão dos dados, utilizamos a análise de conteúdo (BARDIN, 2009), instrumento de investigação que combina elementos de análise qualitativa e quantitativa. A partir de uma amostra de cem reportagens publicadas entre 2017 e 2020 coletadas no boletim semanal *Data Journalism Top 10*², organizado pela *Global Investigative Journalism Network* e no site *Visualising Data*³ procuramos identificar características dos recursos interativos de personalização e a presença de recursos associados a abordagens de familiarização e autorreflexão.

Consideramos que a demanda mercadológica de atrair e/ou manter os leitores envolvidos com narrativas jornalísticas através de lentes cada vez mais personalizáveis abre espaço para que os veículos de mídia trabalhem conteúdos que levam em consideração o conhecimento prévio, os sentimentos e as sensações atreladas à experiência de interação, que por sua vez tencionam a forma como os profissionais conceitualizam o papel da sua audiência no momento em que esses formatos são idealizados e que funções sociais as narrativas de dados podem assumir na vida dos leitores.

Notas

¹O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

²Disponível em: <https://bit.ly/34sTIkT>. Acesso em: 20 de out. 2020.

³Disponível em: <https://bit.ly/2NRceOd>. Acesso em: 20 de out. 2020.

Referências

ARZA-OTANA, A.; SALAVERRÍA, R. Playing with readers' expectations: types of predictive infographics in digital media. *MonTI*, v. 5, p. 187-210, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/37F1vy1>. Acesso em: 20 out. 2020.

BACH, B. et al. Narrative Design Patterns for Data-Driven Storytelling. In: RICHE, N. et al. (Orgs.). *Data-driven storytelling*. Boca Raton: CRC Press, 2018, p. 107-133.

BARBOSA, S. *Jornalismo Digital em Base de Dados (JDBD): um paradigma para produtos jornalísticos digitais dinâmicos*. Salvador, 2007. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas). Universidade Federal da Bahia. Disponível em: <https://bit.ly/2Zs8MMs>. Acesso em: 20 de out. 2020.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2009.

CAIRO, A. *El arte funcional: infografía y visualización de información*. Madrid: Alamut, 2011.

HOHMAN, F. et al. Communicating with Interactive Articles. *Distill*, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/2Tm5UO2>. Acesso em: 20 out. 2020.

PALACIOS, M. et al. Jornalismo móvel e inovações induzidas por affordances em narrativas para aplicativos em tablets e smartphones. In: CANAVILHAS, J.; SATUF, I. (Orgs.) *Jornalismo para dispositivos móveis: Produção, distribuição e consumo*. Covilhã: Livros LabCom, 2015. p. 7-42. Disponível em: <http://bit.ly/2OrX3eg>. Acesso em: 20 out. 2020.

Produção e publicação no jornalismo *mobile first* no Brasil

Jéssica Karina Weirich¹ – Mestrado

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Stefanie Carlan da Silveira

Linha de Pesquisa: Tecnologias, Linguagens e Inovação

Palavras-chave: *Mobile first*; ubiquidade; rotinas de produção; usabilidade; jornalismo digital.

O uso dos *smartphones* tem crescido exponencialmente nos últimos anos. De acordo com o *Pew Research Center*², o aumento da conectividade móvel é uma das tendências que marcou a última década: a taxa de 35% de adultos americanos que possuía um aparelho móvel (dados de 2011) passou para 81% (dados de 2019). Ao redor do mundo os dados de uso e propriedade de aparelhos móveis também são altos. Segundo dados da pesquisa 2018 Q4 *Global Digital Statshot*³, 5,1 bilhões de pessoas utilizam dispositivos móveis, sendo que 60% destes são *smartphones*. No Brasil, 60% das pessoas acessam o *smartphone* diariamente e, de acordo com dados da pesquisa *Global Media*, 89% dos brasileiros usam seus dispositivos principalmente para o consumo de notícias.

Todas as mudanças que surgiram com os dispositivos móveis implicaram também em cuidados e adaptações de todos os fatores que cercam o uso dos celulares: a interface, o design, o conteúdo, as narrativas e os formatos, por exemplo. O jornalismo também sentiu essas mudanças: as redações mudaram seus processos de produção e, ainda que muito precise avançar, passaram a pensar em narrativas exclusivas para esses aparelhos. Nesse cenário, é preciso voltar o olhar para a forma como essas mudanças afetam o jornalismo.

Ao longo dos anos, acompanhando esse desenvolvimento tecnológico dos aparelhos como computadores e dispositivos móveis, as interfaces também sofreram grandes modificações até chegarem ao ponto em que estão hoje na visualização de *smartphones*. Um aparelho móvel possui diversas características nativas únicas, como a rotação de tela, a geolocalização, a interação com outros dispositivos, as notificações, entre outras, que tornam a experiência do usuário muito diferente caso sejam utilizadas. Por conta disso, surgiu o conceito *mobile first*, ou seja, o ato de priorizar a construção da narrativa/conteúdo para o celular e só depois realizar a adaptação gradativa para dispositivos maiores.

No Brasil, os veículos de comunicação têm explorado essas novas possibilidades de diversas maneiras, seja na construção de narrativas imersivas, na utilização de elementos multimídia inovadores, em mudanças nos processos de produção das redações, na preocupação com a estética das narrativas (como as reportagens do UOL Tab 4) e até engajando público e leitores para contribuírem com as pautas utilizando aplicativos em seus *smartphones* 5.

Os jornais *Gazeta do Povo* ⁶ e *Nexo Jornal* ⁷ são exemplos pioneiros no país, pois ambos se propõem a colocar a experiência do usuário no centro da produção e produzir narrativas que priorizam a visualização no *smartphone*. Mas, ao fazer uma observação preliminar do conteúdo produzido pelos veículos, algumas perguntas surgiram: as matérias são efetivamente *mobile first*? Os veículos exploram de forma satisfatória as características do jornalismo ubíquo? Existem diferenças entre o conteúdo pensado para os dispositivos móveis e o conteúdo publicado para *desktop*? Após uma análise superficial dos dois veículos, observou-se a oportunidade de investigar como o conteúdo de cada um deles é produzido e publicado, fazendo uma comparação entre uma redação centenária e um jornal nativo digital.

Nesse contexto, o objeto de estudo desta pesquisa é a produção e publicação do jornalismo *mobile first* no Brasil. Partindo da hipótese de que os jornais exploram pouco as potencialidades dos dispositivos móveis no que diz respeito ao jornalismo *mobile first*, os objetivos deste estudo são investigar como os repórteres, editores, desenvolvedores e designers dos jornais *Gazeta do Povo* e *Nexo Jornal* trabalham para produzir matérias no jornalismo *mobile first*; e comparar os modos como os jornais *Gazeta do Povo* e *Nexo Jornal* exploram as potencialidades de publicação dos dispositivos móveis no jornalismo *mobile first*.

A presente pesquisa possui um objeto empírico composto do material de entrevistas que serão realizadas com repórteres, editores, desenvolvedores e designers dos jornais *Gazeta do Povo* e *Nexo Jornal*; e da visualização no *smartphone* de matérias publicadas nos dois veículos. Uma série de procedimentos metodológicos serão utilizados no processo de investigação e análise desse material. Com relação ao processo de produção, pretende-se preparar roteiros para as entrevistas com os funcionários dos dois jornais, executar as entrevistas e, por fim, construir um instrumento de análise para observar se o processo de produção atende às especificidades do jornalismo *mobile first* e se há um diálogo entre os profissionais para a construção da narrativa. Já em relação à publicação, pretende-se construir um instrumento de análise das notícias para observar se as matérias publicadas apresentam as características do jornalismo ubíquo e analisar a visualização no *smartphone* de notícias publicadas pelos dois veículos.

Notas

¹Bolsista Fapesc.

²Disponível em: www.pewresearch.org/

³Disponível em: <https://bit.ly/2J6j1gw>

⁴Disponível em: www.tab.uol.com.br/

⁵Aplicativo Na Rua, da *Globo News*. Disponível em: <https://glo.bo/2Y0qi8z>.

⁶Disponível em: www.gazetadopovo.com.br

⁷Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/>

A apropriação do *Instagram Stories* pelo *Estadão* e as narrativas do noticiário *Drops*

Dara Yanca Zimmermann¹ – Mestrado

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Flávia Garcia Guidotti

Linha de Pesquisa: Tecnologias, Linguagens e Inovação

Palavras-chave: Jornalismo; narrativas jornalísticas; redes sociais; *Instagram Stories*; *Estadão Drops*.

As narrativas jornalísticas sempre foram diretamente influenciadas pelo surgimento de ferramentas tecnológicas. Com a consolidação da internet e as constantes atualizações no âmbito digital, inúmeras possibilidades de criação, consumo e distribuição de notícias são ofertadas frequentemente tanto para o público quanto para os jornalistas. Ademais, com a mobilidade dos *smartphones*, aplicativos e a disponibilidade de inúmeras plataformas digitais, as informações se espalham muito mais rapidamente e são agora promovidas também pelos usuários, não somente pelos jornalistas.

Essas transformações demandam continuamente a reinvenção do jornalismo dentro do ciberespaço, especialmente nas redes sociais, que possuem linguagens e suportes próprios que influenciam na construção da narrativa jornalística (ECHEVARRÍA, 2014). Diante disso, esta pesquisa tem como objeto de estudo a apropriação da ferramenta *Instagram Stories* pelo veículo *Estadão* e as narrativas criadas no noticiário interativo *Drops*. Criado em julho de 2017, o *Estadão Drops* possui uma narrativa adaptada à ferramenta *Stories*, na rede social *Instagram*, e acontece de segunda a sexta-feira, sem horário fixo e com atualizações ao longo do dia. Diante do seu grande alcance, esta pesquisa busca compreender de que maneira são produzidas as narrativas neste noticiário em específico para que possamos delinear o caminho pelo qual o jornalismo tem percorrido e conquistado êxito nas redes sociais.

Portanto, o objetivo geral deste estudo é investigar de que forma o veículo *Estadão* se apropria da ferramenta *Instagram Stories*, e apurar as estratégias, intenções e objetivos na produção das narrativas jornalísticas no noticiário *Drops*. Para alcançar tais objetivos, o *corpus* é composto por postagens feitas em 15 dias úteis na ferramenta *Instagram Stories* pelo perfil @estadao, bem como por entrevistas com quatro profissionais envolvidos na produção do noticiário.

Os dias de coleta das postagens feitas pelo perfil @estadao serão determinados com base na chamada semana artificial, ou semana construída, que estabelece o início do recolhimento dos materiais em um determinado dia da semana e, na semana seguinte, utilizando o dia posterior, e assim por diante, até a coleta de todos os dias planejados (FRANCO, 2010).

Este método de recolha de materiais impede que os conteúdos se tornem repetitivos, o que poderia interferir nos resultados da pesquisa.

Para as análises, a pesquisa terá como aporte a metodologia da Análise Crítica da Narrativa proposta por Luiz Gonzaga Motta, defensor de que a narrativa não deve ser analisada apenas como um objeto isolado, e sim como o resultado de um processo por trás de um contexto de comunicação, que possui estratégias discursivas e, conseqüentemente, intenções e objetivos do narrador para com o leitor, também participante na construção do sentido narrativo (MOTTA, 2013).

A análise será definida em três instâncias propostas por Motta (2013): 1) plano de expressão (linguagem e discurso), 2) plano da estória (conteúdo) e 3) plano da metanarrativa (estrutura subjetiva e abstrata). Cabe salientar que os movimentos metodológicos propostos por Motta serão adaptados para o objeto empírico da pesquisa, cujas especificidades devem ser levadas em conta no processo de análise.

Para esta pesquisa, adotamos a definição de narrativa proposta por Motta, que a conceitua como “tradução do conhecimento objetivo e subjetivo do mundo (o conhecimento sobre a natureza física, as relações humanas, as identidades, as crenças, valores e mitos etc.) em relatos” (MOTTA, 2005, p. 2). Para o autor, a narrativa relaciona e organiza eventos, produzindo significados com o objetivo de atrair, envolver e convencer o interlocutor por meio de uma troca de sentidos, estabelecendo necessariamente uma relação entre os sujeitos interlocutores (MOTTA, 2013).

Nota

¹O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Referências

ECHEVARRÍA, Mirta Clara. Periodismo digital y redes sociales. Narrativas renovadas: storytelling, storify. In: ECHEVARRÍA, M. C.; VIADA, M. M. (Orgs.). **Periodismo en la web: lenguajes y herramientas de la narrativa digital**. Córdoba: Brujas, 2014. p. 51-100.

FRANCO, Sandra Lia Rodrigues. O estudante universitário e as notícias da mídia impressa. **Comunicação & Sociedade**, v. 32, n. 54, p. 71-101, 2010.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora UnB, 2013.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Análise pragmática da narrativa jornalística. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, XXVIII., 2005, Rio de Janeiro. **Anais....** Rio de Janeiro: Intercom, 2005. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/105768052842738740828590501726523142462.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2021.

Tensionamentos entre plataformas, mediações algorítmicas e a *Agenda Setting*

Lia Gabriela Pagoto – Doutorado

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Raquel Longhi

Linha de Pesquisa: Tecnologias, Linguagens e Inovação

Palavras-chave: *Agenda Setting*; plataformas; mediações algorítmicas; opinião pública.

A discussão sobre se e como o jornalismo reflete a realidade ou, em mudança, participa da construção de um “pseudo-ambiente” (LIPPMANN, 2008) tem orientado a investigação científica na área ao longo de quase uma centena de anos. O que é novo é o pseudo-ambiente, agora formatado pelas plataformas. Servas da ecologia do capital moderno, as plataformas vão além de apenas facilitar a vida social. Sadowski (2019) as conceituou como um mecanismo de poder biopolítico que se materializa nos bancos de dados e algoritmos, concebidos e treinados para coletar informações sobre pessoas, criar perfis, classificá-los em categorias e tomar decisões sobre suas vidas.

Se os veículos de comunicação antes eram os responsáveis pela tradução simbólica do mundo exterior, neste momento, essa curadoria é compartilhada com os códigos de linguagem algorítmica que, sob a égide da otimização da experiência do usuário, realizam a seleção das informações nas plataformas. Em um processo que abrange inferências humanas e de aprendizagem de máquinas, “essas redes escolhem quais publicações serão visualizadas, em qual ordem estarão organizadas, quais páginas merecem destaque, etc” (WINQUES, 2020, p. 18). Em um cenário jornalístico plataformizado, o tipo de notícias que os usuários visualizam on-line é cada vez mais determinado pelas interações entre plataformas, usuários e veículos jornalísticos. Anderson (2012) apontou o lugar sociotécnico que esses organismos vêm ocupando ao se imbricarem na mediação entre jornalistas, públicos, redações e produtos de mídia, especialmente em relação à opinião pública.

Numa tentativa de empreender reflexões mais aprofundadas ao contexto digital atual, vários pressupostos clássicos do jornalismo emergem como instrumentos possíveis para conciliar teorias já consolidadas com novas configurações. Neste escopo, a teoria da *Agenda Setting* é uma das abordagens teóricas mais utilizadas e discutidas, pois foi pioneira em demonstrar empiricamente a influência dos *media* na opinião pública. Ao lado de outros conceitos literatos, o conceito da agenda permanece sendo influente na investigação dos processos de agendamento do debate e da opinião pública. Os autores, retomando a ideia de Lippmann, apontavam que a mídia é o principal recurso das imagens mentais da audiência sobre o mundo no exterior (MCCOMBS et. al, 2000).

Assim, a pesquisa propõe o estabelecimento de conexões entre uma teoria clássica do Jornalismo e o contexto vigente, procurando pensar em como se constitui uma, ou mais, agenda(s) pública(s) no cenário digital. Projetamos observar como se dá o agendamento da opinião pública num contexto marcado pela plataformação do jornalismo. De forma mais específica, pretendemos analisar como a lógica de circulação de informação no âmbito das plataformas fomenta a criação de nova(s) agenda(s) pública(s); discutir as implicações das mediações algorítmicas na formação da agenda e, em especial, de que maneira elas reconfiguram o agendamento da opinião pública; e observar as relações de conversação e as normas de comunicação proporcionadas por essas estruturas a fim de compreender as dinâmicas da formação da opinião pública em um ambiente plataformizado.

O recorte escolhido para a reflexão é o caso dos gastos com alimentação do Governo Federal brasileiro divulgado por um site jornalístico em janeiro de 2021, sendo o leite condensado um destes alimentos. Com mais de um milhão de menções no Twitter, o caso “leite condensado” levou o Governo Federal a emitir uma nota de esclarecimento e provocou reações raivosas por parte do Presidente da República, Jair Bolsonaro. Por outro lado, os veículos de imprensa tradicional pouco repercutiram o fato. O referencial teórico abrigará conceitos vinculados às teorias do Jornalismo, aos estudos de plataformas e estudos críticos de algoritmos e à área de análise de redes sociais, enquanto aporte metodológico para análise do objeto empírico. Para captura, seleção e análise do *corpus* trazemos uma metodologia que combina os métodos digitais e análise de redes sociais.

Referências

- ANDERSON, Chris W. Towards a sociology of computational and algorithmic journalism. **New Media & Society**, v. 15, n. 7, p. 1005-1021, 2012. Disponível em: <https://bit.ly/2Tbh4Eb>.
- LIPPMANN, Walter. **Opinião Pública**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.
- MCCOMBS, Maxwell; SHAW, Donald. A evolução da pesquisa sobre o agendamento: vinte e cinco anos no mercado das ideias. In: TRAQUINA, N. (Org.). **O poder do jornalismo: análise e textos da teoria do agendamento**. Coimbra: Minerva, 2000.
- SADOWSKI, Jathan. **As plataformas não apenas organizam o trabalho: governam a vida**. Digilabour, 2019. Disponível em <https://tinyurl.com/35otk61n>
- WINQUES, Kérley. **Mediações algorítmicas e espiral do silêncio: as dimensões estruturantes igreja e sindicato na recepção de conteúdos noticiosos em plataformas digitais**. 2020. Tese (Doutorado em Jornalismo) – Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, UFSC, Florianópolis, 2020..

TEORIA DO JORNALISMO

Um olhar para a crise de legitimidade jornalística a partir da Teoria Democrática

Marcionize Elis Bavaresco

Colonialidade e afeto: para pensar a episteme do Jornalismo

Gabriela Bregolin Grillo

Adaptações metodológicas na pesquisa diante da pandemia de SARS-CoV-2

Janaíne Kroubauer

A crítica de imprensa em colunas de *ombudsman*

Juliana de Amorim Rosas

A hiperespecialização do jornalismo com temas sobre o espaço sideral

Leoní Serpa

Um olhar para a crise de legitimidade jornalística a partir da Teoria Democrática

Marcionize Elis Bavaresco¹ – Doutorado

Orientador: Prof. Dr. Carlos Augusto Locatelli

Linha de Pesquisa: Cultura e Sociedade

Palavras-chave: Jornalismo; legitimidade; democracia; Teoria do Jornalismo.

Desde 2013 se acumulam os registros de jornalistas agredidos física e verbalmente em manifestações de rua, tanto por forças de segurança como por manifestantes identificados com pautas à esquerda e à direita do espectro político brasileiro. De lá para cá, jornalistas foram questionados por fazer uso de informações vazadas mesmo que com evidente interesse público; mulheres jornalistas foram vítimas de campanhas de difamação motivadas por reportagens de suas autorias; e, para fechar este pequeno inventário, neste início de 2021, quando o Brasil beira a marca de 250 mil mortes pela Covid-19, o ministro da Saúde afirmou que os jornalistas “não têm delegação” para interpretar fatos; e o presidente da República disse que os maiores jornais brasileiros mereciam ser fechados.

Embora esses episódios misturem atos e discursos contra jornalistas e veículos de comunicação específicos com aqueles direcionados ao jornalismo de maneira geral, podem ser identificados como sintomas de um fenômeno já registrado por estudos nas áreas da Comunicação, do Jornalismo e das Ciências Sociais e Política: o de uma crise de legitimidade do jornalismo nas democracias contemporâneas (cf. CARLSON; ROBINSON; LEWIS, 2020; KOLISKA; CHADHA; BURNS, 2020; PONTES; PISMEL, 2018; TONG, 2018).

Os casos citados também apontam que grande parte das críticas ao jornalismo se embasam no argumento de que a instituição não está cumprindo sua atribuição como fomentadora da democracia. Por outro lado, a relação de simbiose entre jornalismo e democracia se mantém como o principal argumento de jornalistas e pesquisadores para defender a legitimidade do campo profissional e acadêmico. Entender esse fenômeno de emparedamento do jornalismo, portanto, passa pela construção de uma compreensão que considere a polissemia dos conceitos de jornalismo e democracia.

Por isso, a pesquisa a qual se refere o presente resumo tem como objetivo geral compreender o atual questionamento público da legitimidade do jornalismo enquanto fomentador da democracia a partir da análise dos conceitos de jornalismo e democracia, propondo, se for o caso, um modelo teórico para o fenômeno. Os princípios metodológicos norteadores se baseiam na metodologia compreensiva de Max Weber (1991, 1992), cujo cerne é a ação social e a principal ferramenta analítica são os tipos-ideais.

Atualmente a pesquisa está em fase de análise das atribuições reservadas ao jornalismo em quatro diferentes correntes da Teoria Democrática: 1) a democracia procedimental de Dahl (2001, 2006, 2012); 2) a democracia minimalista de Schumpeter (2017); 3) a democracia deliberativa de Habermas (1995, 1997) e 4) a democracia radical de Laclau e Mouffe (2015). Essas quatro linhas teóricas foram selecionadas pela influência nos estudos da democracia e, também, por representarem uma amostra diversa de ideais sociais aos quais as concepções de democracia estão vinculadas.

Nota

¹O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Referências

CARLSON, Matt; ROBINSON, Sue; LEWIS, Seth C. Digital Press Criticism: The Symbolic Dimensions of Donald Trump's Assault on U.S. Journalists as the "Enemy of the People". **Digital Journalism**, p. 1-18, 2020.

DAHL, Robert A. **A democracia e seus críticos**. Tradução Patrícia de Freitas Ribeiro. São Paulo-SP: WMF Martins Fontes, 2012.

DAHL, Robert A. **On political equality**. New Haven; London: Yale University Press, 2006.

DAHL, Robert A. **Sobre a democracia**. Tradução Beatriz SIDOU. Brasília - DF: Editora da UnB, 2001.

HABERMAS, Jürgen. **Direito e democracia: entre facticidade e validade**. Volume II. Tradução Flávio Beno Siebeneichler. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

HABERMAS, Jürgen. Três modelos normativos de democracia. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, n. 36, p. 39-53, 1995.

KOLISKA, Michael; CHADHA, Kalyani; BURNS, Alison. Talking Back: Journalists Defending Attacks Against their Profession in the Trump Era. **Journalism Studies**, v. 21, n. 11, p. 1496-1513, 2020.

LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantau. **Hegemonia e Estratégia Socialista: por uma Política Democrática Radical**. São Paulo-SP: Intermeios, 2015.

PONTES, Felipe Simão; PISMEL, Matheus Lobo. A crise de legitimidade dos jornalistas e a economia política: autonomia e heteronomia como chaves explicativas do jornalismo contemporâneo. **Comunicação & Sociedade**, v. 40, n. 1, p. 367-392, 2018.

SCHUMPETER, Joseph A. **Capitalismo, socialismo e democracia**. Tradução Luiz Antônio Oliveira de Araújo. São Paulo-SP: Unesp Digital, 2017.

TONG, Jingrong. Journalistic Legitimacy Revisited: collapse or revival in the digital age? **Digital Journalism**, v. 6, n. 2, p. 256-273, 2018.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade: fundamentos da Sociologia Compreensiva**. Volume 1. Tradução Regis Barbosa; Karen Elsabe Barbosa. Brasília - DF: Editora Universidade de Brasília, 1991.

WEBER, Max. **Metodologia das Ciências Sociais**. Parte 2. Tradução Augustin Wemet. 2. ed. ed. São Paulo; Campinas: Cortez; Unicamp, 1992.

Colonialidade e afeto: para pensar a episteme do Jornalismo

Gabriela Bregolin Grillo¹ – Mestrado

Orientador: Prof. Dr. Jacques Mick

Linha de Pesquisa: Cultura e Sociedade

Palavras-chave: Jornalismo; afeto; colonialidade; epistemologia.

Recentes desdobramentos do cenário de intensa polarização política no Brasil, em especial a expansão do alcance e impacto de “notícias falsas”, a intensificação de bolhas digitais e as novas configurações de movimentos políticos que crescem e se expandem num ambiente informacional digital orientado para a captura e provocação de emoções (CESARINO, 2020), fazem emergir uma questão que se atualiza: o que há de afetivo na forma como sujeitos se orientam diante do mundo? E, mais especificamente, como o Jornalismo, enquanto forma social de produção de conhecimento, é impactado por isso?

Parto destas perguntas para investigar como os estudos sobre colonialidade e afeto podem contribuir para pensar o Jornalismo epistemologicamente. Para isso, traço como objetivos: a) compreender o que é a crítica à colonialidade e o que ela revela sobre a produção de saber na modernidade, em especial no âmbito do Jornalismo; b) identificar em que sentido a crítica à colonialidade se relaciona com o reconhecimento e a valorização do afeto na produção de saber; c) encontrar possíveis implicações e contribuições de teorizações do “giro afetivo” das Ciências Sociais para o Jornalismo, em especial na sua episteme.

Para atingir tais objetivos, realizo uma pesquisa bibliográfica que parte de estudos sobre a colonialidade, em especial a partir de autores coloniais. São tratados os conceitos de colonialidade do poder, do saber e do ser (MALDONADO-TORRES, 2007; MIGNOLO; WALSH, 2018; QUIJANO, 1999); ainda, a imbricação entre colonialidade e modernidade, e a visada de teorizações sobre gênero e raça no que se referem ao pensamento moderno/colonial (FANON, 2020; LUGONES, 2014; YOUNG, 1987).

A pesquisa prossegue, num segundo momento, trilhando o caminho do “giro afetivo” das Ciências Sociais. Abordo a perspectiva de autoras e autores que apontam a relevância do afeto e de um enfoque sobre as emoções para compreender efeitos e sentidos postos em circulação na esfera pública (ou em múltiplos públicos), com particular ênfase no caráter comunicativo do afeto (AHMED, 2014; SODRÉ, 2006).

Dedico o último momento da pesquisa a abordar os reflexos de uma razão antagonista ao afeto sobre o Jornalismo, em especial na centralidade que valores modernos como

imparcialidade e objetividade alcançaram na episteme jornalística (MEDINA, 2014; PETERS, 2011; VEIGA; MORAES, 2020; WAHL-JORGENSEN, 2020). O deslocamento epistêmico proposto sugere acolher ativamente a pós-colonialidade e as categorias de gênero e raça enquanto referenciais que podem conduzir a práticas jornalísticas destinadas a não perpetuar estruturas de dominação. Aponto, ainda (e em coerência com essas premissas), a relevância de expandir os limites epistemológicos do Jornalismo para compreender o afeto, seus efeitos e seu potencial comunicativo num cenário de constante transformação e de fragilidade de alguns paradigmas jornalísticos.

Nota

¹Bolsista Fapesc.

Referências

- AHMED, Sara. **The cultural politics of emotion**. 2. ed. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.
- CESARINO, Letícia. Como vencer uma eleição sem sair de casa: a ascensão do populismo digital no Brasil. **internet&sociedade**, [s. l.], v. 1, n. 1, p. 91–120, 2020.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Traduzido por Sebastião Nascimento e colaboração de Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 25, n. 4, p. 935–952, 2014.
- MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMES, S.; GROSGOUEL, R. (Orgs.). **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007.
- MEDINA, Cremilda. **Ciência e Jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos**. São Paulo: Summus, 2014.
- MIGNOLO, Walter; WALSH, Catherine. **On decoloniality: concepts, analytics and praxis**. Durham: Duke University Press, 2018.
- PETERS, Chris. Emotion aside or emotional side? Crafting an ‘experience of involvement’ in the news. **Journalism: Theory, Practice & Criticism**, [s. l.], v. 12, n. 3, p. 297–316, 2011.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, cultura y conocimiento en América Latina. **Dispositio**, Ann Arbor, v. 24, n. 51, p. 137–148, 1999.
- SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis: Mídia, afeto e política**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- VEIGA, Márcia; MORAES, Fabiana. Onde está Ruanda no mapa? Decolonialidade, subjetividade e o racismo epistêmico do jornalismo. In: **Anais do Encontro Nacional da Compós**, 19, 2020. Campo Grande: Compós, 2020. p. 1-21.
- WAHL-JORGENSEN, Karin. An Emotional Turn in Journalism Studies? **Digital Journalism**, [s. l.], v. 8, n. 2, p. 175–194, 2020.
- YOUNG, Iris M. Impartiality and the civic public: some implications of feminist critiques of moral and political theory. In: BENHABIB, S.; CORNELL, D. (Orgs.). **Feminism as critique: on the politics of gender**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1987.

Adaptações metodológicas na pesquisa diante da pandemia de SARS-CoV-2

Janaine Kronbauer¹ – Doutorado

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Meditsch

Linha de Pesquisa: Conhecimento e Profissão

Palavras-chave: Jornalismo; escola; socialização de conhecimentos; adequação metodológica; pandemia de Covid-19.

Profissão de conhecimento (DONSBACH, 2013), o Jornalismo estabelece por meio de suas produções uma interface direta com a dimensão educativa, a qual não se restringe a ambientes formais de aprendizagem, mas incorpora um perfil intencional (LIBÂNEO; OLIVEIRA; TOSCHI, 2012). O objeto de estudo desta pesquisa é a socialização de conhecimentos potencialmente realizada pelo Jornalismo. Compreender de que modo essa socialização ocorre a partir de uma análise comparativa com as práticas pedagógicas protagonizadas pela Escola – esta entendida como instituição formal de educação básica – se constitui em seu objetivo geral. Apresenta-se aqui um recorte vinculado à dimensão metodológica da pesquisa, relacionado às adaptações e mudanças quanto ao perfil dos entrevistados e à conjugação das informações reunidas – tais ajustes ocorreram especialmente em função da pandemia de SARS-CoV-2.

Com perfil qualitativo, esta pesquisa toma como base para o seu desenvolvimento os ferramentais do método comparativo, o qual permite, conforme Lakatos e Marconi (2009, p. 274), “uma melhor compreensão do comportamento humano” em seus diferentes contextos de inserção e, ainda “verificar similitudes e explicar divergências” neles identificados. Para Strauss e Corbin (2008, p. 85), a adoção de análises comparativas para a realização de pesquisas ocorre porque “não reinventarmos o mundo à nossa volta a cada dia” e, com isso, ser possível tomar como base o “que sabemos para nos ajudar a entender aquilo que não sabemos” ainda. Com o uso da análise comparativa projeta-se a descoberta tanto de “variações como padrões gerais” e a “associação e intensificação de categorias” (STRAUSS; CORBIN, 2008, p. 89-90).

Inicialmente as entrevistas seriam realizadas *in loco*, com três tipos de atores: jornalistas, professores e jornalistas-professores. Com as restrições impostas pela circulação do coronavírus, as entrevistas passaram a ser remotas, por meio de ferramenta de chamadas de vídeo e voz e o perfil dos entrevistados foi redimensionado: passaram a ser acionados especialistas em Jornalismo e em Educação. Tais reconfigurações suscitaram adaptações em alguns dos objetivos específicos da pesquisa e seus respectivos procedimentos metodológi-

cos – aspirou-se, no entanto, manter a maior proximidade possível com a proposta inicial do estudo partindo-se, agora, de uma perspectiva complementar àquela.

À parte disso, foi mantida como estratégia metodológica para coleta de dados as entrevistas individuais semiestruturadas, que “conjuga[m] a flexibilidade da questão não estruturada com um roteiro de controle” (DUARTE, 2008, p. 66). As etapas da pesquisa qualitativa contêm as fases de descrição, análise e interpretação. Após as duas etapas iniciais, chega-se ao ápice de pesquisa, com uma reinterpretação das informações levantadas. Para Gomes (2005, p. 205), “enquanto os procedimentos de análise [...] quebram, dividem, desconstroem, procuram desvelar, a interpretação caminha em um movimento de síntese, por meio da construção criativa de possíveis significados”. É a partir destes passos que se busca avançar no delineamento das semelhanças e diferenças entre as práticas de socialização de conhecimentos realizadas pelo Jornalismo e pela Escola por meio de seus agentes centrais, jornalistas e professores.

Adiciona-se à perspectiva da análise comparativa a leitura e o exame das falas dos entrevistados a partir de uma inspiração fenomenológica, dado que a escolha dos mesmos decorre, dentre outros, de seu evidente acervo pessoal de conhecimentos (BERGER; LUCKMANN, 2014) e de suas afinidades teóricas quanto aos temas abordados. O vínculo com a fenomenologia trata-se de uma proposta de experimentação metodológica, pois esta é uma postura que considera as especificidades das vivências e conhecimentos dos sujeitos entrevistados (GIL, 2019), fator de acentuada relevância para este estudo.

Nota

¹O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Referências

- BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 2014.
- DONSBACH, W. Journalism as the new knowledge profession and consequences for journalism education. **Journalism**, n. 15, p. 661-677. 2013.
- DUARTE, J. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2008.
- GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 2019.
- GOMES, R. et al. Organização, processamento, análise e interpretação de dados: o desafio da triangulação. In: MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G.; SOUZA, E. R. (Orgs.). **Avaliação por triangulação de métodos**: abordagem de programas sociais. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005, p. 185-221.
- LIB NEO, J. C.; OLIVEIRA, J. F.; TOSCHI, M. S. **Educação escolar**: políticas, estrutura e organização. São Paulo: Cortez, 2012.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2009.
- STRAUSS, A.; CORBIN, J. **Pesquisa qualitativa**: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada. Porto Alegre: Artmed, 2008.

A crítica de imprensa em colunas de *ombudsman*

Juliana de Amorim Rosas – Doutorado

Orientador: Prof. Dr. Rogério Christofolletti

Linha de Pesquisa: Cultura e Sociedade

Palavras-chave: Jornalismo; *ombudsman*; crítica; democracia.

Esta pesquisa em andamento tem como objeto a crítica de imprensa encontrada em colunas públicas de *ombudsman*, bem como seu caráter deliberativo e democrático. A atividade clássica do *ombudsman* é ouvir os leitores, realizar crítica jornalística ao veículo onde trabalha e eventualmente comparação com outras mídias. No decorrer da década de 1990, o mundo e conseqüentemente o Brasil viviam uma nova ambiência de democracia que se refletiu de várias maneiras no cotidiano das pessoas, na política, no modo de vida, no jornalismo. Nesta situação contingente, floresceram ouvidorias em diversos setores e também a figura do *ombudsman* de imprensa. Nos anos 2000, o número de *ombudsmans* começou a diminuir no jornalismo brasileiro.

Para a tese, verificam-se características de continuidade e descontinuidade das experiências e influências na crítica de imprensa dos *ombudsmans* na década de maior influência e proliferação do profissional – os anos 1990 e, em 2019 – quando se comemorou 30 anos do surgimento do *ombudsman* no país. Realiza-se, em primeira etapa, investigação das experiências de *ombudsman* de imprensa em três jornais brasileiros: *Correio da Paraíba*, *Folha de S.Paulo* e *O Povo*, do Ceará, todos do ano de 1995, escolhidas pela permanência, pioneirismo e representatividade e pelo ano coincidente de atuação do *ombudsman* entre os eles.

Na segunda etapa, este resultado é confrontado com as experiências de *ombudsman* remanescentes no país (*Folha* e *O Povo*), examinando mudanças e/ou permanências no estilo e sua relevância frente à pulverização da crítica, ao declínio do *ombudsman* em jornais tradicionais e o papel da autocritica jornalística pelo viés da Teoria da Crítica de Imprensa (WYATT, 2007), que defende que o propósito da imprensa é ser uma esfera pública comunicativa e contribuir para o funcionamento de uma democracia deliberativa. Objetiva-se analisar a crítica jornalística brasileira em colunas de *ombudsman* nestes dois distintos períodos confrontando tais descobertas com a Teoria da Crítica de Imprensa e suas implicações para o jornalismo e a democracia. Nas reflexões, entram o papel da crítica no jornalismo e diferentes situações políticas e democráticas no país.

Nota-se que a imprensa brasileira e pesquisas em jornalismo envolvendo a figura do *ombudsman*, em geral, tomam a *Folha de S.Paulo* como modelo preponderante. Contudo, encontram-se no Brasil diferentes experiências, por vezes distantes do modelo consagrado pelo veículo paulista. Estas muitas vezes provocaram mudanças e reflexões no jornalismo local, ainda que brevemente. A longevidade do *ombudsman* na *Folha* é assunto para outras reflexões. Mas está na variedade e importância das distintas experiências brasileiras de *ombudsman* mais um motivo e justificativa para a inclusão das mesmas nesta pesquisa. Estudos do tipo contribuem para provar que o país possuiu diferentes experiências com esse dispositivo democrático de mídia, cada uma com suas características particulares, muitas vezes indo de encontro ao consagrado pela *Folha de S.Paulo*.

Wyatt (2007) afirma que a imprensa é considerada a mais importante instituição social que temos para alcançar a comunicação democrática. Outros autores discordam da correlação e negam a causalidade. Alguns, como Jesper Strömbäck (2005), relatam que críticos não são claros sobre qual padrão democrático eles estão aplicando ao criticar a mídia. Ele discorre, então, sobre quatro modelos de democracia e suas implicações normativas para o jornalismo. Desse modo, afirma que distintos críticos, ao condenar a mídia no seu papel na democracia, muitas vezes têm em mente diferentes modelos democráticos, que não necessariamente são deliberativos, como propõe a teoria da crítica de imprensa.

A metodologia desta pesquisa é baseada na Análise de Conteúdo traçada por Laurence Bardin (2011), auxiliada pelo software *Iramuteq* e complementada por interpretação textual.

Referências

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Almedina Brasil, 2011.
- STRÖMBÄCK, Jesper. In Search of a Standard: four models of democracy and their normative implications for journalism. **Journalism Studies**, v. 6, n. 3, p. 331-345, 2005.
- WYATT, Wendy. **Critical Conversations** – a theory of press criticism. Broadway: Hampton Press, 2007.

A hiperespecialização do jornalismo com temas sobre o espaço sideral

Leoní Serpa – Doutorado (Modalidade Cotutela)

Orientadores: Prof. Dr. Eduardo Meditsch e Prof. Dr. Jorge Pedro Sousa (UFP, Portugal)

Linha de Pesquisa: Conhecimento e Profissão

Palavras-chave: jornalismo hiperespecializado; jornalismo e conhecimento; jornalismo científico; espaço sideral.

A proposta deste resumo decorre do projeto da tese, em curso. Constitui-se como objeto de estudo a hiperespecialização do jornalismo com temática sobre o espaço sideral, em jornais e revistas de Portugal e do Brasil, na probabilística conceitual da modalidade de uma forma social de produção de conhecimento. O objetivo principal é o de compreender a hiperespecialização do jornalismo com temas sobre o espaço sideral, a partir das páginas de Ciência dos jornais e das revistas. Para tanto, o objeto empírico é constituído pelos jornais impressos, na versão digital, *Folha de S. Paulo* – Brasil e *Público* – Portugal e pelas revistas *Super (Interessante)*, com edições dos dois países. Por ora, nossa base conceitual discute jornalismo como forma de conhecimento singular cristalizado, defendido em Genro Filho (2012) e jornalismo como forma elementar de conhecimento em Park (2008). A hiperespecialização na concepção de Morin (2000) e os conceitos de jornalismo científico, dentre outros, em Bueno (1985; 2009; 2013).

Nosso questionamento sobre como acontece a hiperespecialização do jornalismo com temas sobre espaço sideral, na perspectiva teórica de produção de conhecimento, examina respostas, a partir da hipótese que se subdivide em duas: H1 – A hiperespecialização do jornalista faz-se necessária para apurar adequadamente os temas sobre o Espaço Sideral; H2 – O produto jornalístico, resultado da cobertura noticiosa, não cristaliza essa hiperespecialização em seu conteúdo. Assim, infere-se pelas hipóteses, que os jornalistas necessitam hiperespecializar-se para fazer a cobertura noticiosa sobre os temas do espaço sideral, no entanto, essa hiperespecialização não aparece no conteúdo jornalístico, de tal maneira nos jornais como nas revistas especializadas.

O estudo pretende ainda aferir a materialidade do trabalho jornalístico, nas publicações que derivam das pesquisas científicas, originárias das investigações e descobertas sobre o espaço sideral. É oportuno, também, investigar sobre a atividade jornalística que carrega na sua gênese valores humanos fundamentais e de civilidade, além de atenuar, ou exaltar,

nosso lado compassivo e curioso, frente às questões do universo. Nesse sentido, o jornalismo detém a preponderância da divulgação, como forma de abrandar incertezas, por meio das notícias, com respostas que os cientistas já conseguiram desvendar, e que devem ser reveladas. Constitui-se um desafio compreender esta área, tão assombrada por misticismos e superlativos de toda ordem, em tempos de descréditos e negacionismos tanto científico, como jornalístico.

No centro da discussão teórica, o termo hiperespecialização (MORIN 2000, p. 45), transcorre de um paradoxo do século XX que “produziu avanços gigantescos em todas as áreas do conhecimento científico, assim como em todos os campos da técnica”. No entanto, essas melhorias contribuíram para produzir “nova cegueira para os problemas globais, fundamentais e complexos” (MORIN, 2000, p. 45). Ao debater sobre os problemas essenciais, especialmente da disjunção e especialização fechada, Morin (2000, p. 41) entende como a hiperespecialização “impede tanto a percepção do global (que ela fragmenta em parcelas), quanto do essencial (que ela dissolve)” e assim a impede de abordar os problemas corretamente em suas particularidades e contextos. Os pilares do pensamento complexo, especialmente no princípio dialógico, defendido por Morin (2000), ajudam a tecer entendimentos sobre a lógica e as características da hiperespecialização e a decorrente fragmentação dos campos dos saberes, em especial da Ciência e do Jornalismo.

Referências

- BUENO, Wilson da Costa. Assessoria de imprensa e complexidade: superando os equívocos da teoria e da prática tradicionais. In: **Anais do XXII Encontro Anual da Compós**, Salvador, p. 1-17, 2013.
- BUENO, Wilson da Costa. Jornalismo científico no Brasil: os desafios de uma trajetória. In: PORTO, C. M. (Org.). **Difusão e cultura científica: alguns recortes** [on-line]. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 113-125. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/68/pdf/porto-9788523209124-06.pdf>
- GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide** - para uma teoria marxista do jornalismo. Série Jornalismo a Rigor. V.6. Florianópolis: Insular, 2012.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez Editora, 2000.
- PARK, Robert. A notícia como forma de conhecimento: um capítulo dentro da sociologia do conhecimento. Notícia e poder da imprensa. In: BERGER, C.; MAROCCO, B. (Orgs.). **A Era Glacial do Jornalismo**. Vol. 2. Porto Alegre: Sulina, 2008.

RADIOJORNALISMO

Transformações da transmissão do radiojornalismo na *live* do Facebook: caso da Banda B

Gabriel Witiuk

Programação radiojornalística maranhense

Nayane Brito

Reconfiguração da reportagem radiofônica brasileira contemporânea

Arnaldo Zimmermann

Do *hertz* ao *bits*: o uso da convergência por emissoras comunitárias maranhense

Jefferson de Sousa Moraes

As características e estéticas dos podcasts jornalísticos frente ao rádio

Luís David Falcão Padilha

Sondagem sobre jornalismo científico em rádios universitárias na pandemia

Paulo Roberto Santhias

Transformações da transmissão do radiojornalismo na *live* do *Facebook*: caso da *Banda B*

Gabriel Witiuk – Mestrado

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Valci Regina Mousquer Zuculoto

Linha de Pesquisa: Tecnologias, Linguagens e Inovação

Palavras-chave: radiojornalismo; live do Facebook; transmissão radiofônica; rádio expandido; convergência.

A transmissão ao vivo de radiojornalismo e suas características foram sendo modificadas pelas mais diferentes tecnologias que foram sendo criadas e se consolidando com o passar dos anos. Transistor, *smartphones*, internet, redes sociais e muitas outras invenções potencializaram e ajudaram o meio de comunicação a se transformar (FERRARETTO, 2000 WITIUK, 2008). Cem anos de antena.

Durante esse processo, o rádio, graças à convergência entre o meio com a internet, expandiu-se dentro do ciberespaço e conquistou novas formas de transmitir. Uma delas é a transmissão *via live* do *Facebook*, que permite ao jornalismo radiofônico uma difusão em tempo real com multimedialidade e um novo nível de interatividade. Além disso, gera a capacidade de criar memória por meio de vídeos salvos dentro da própria rede social (KISCHINHEVSKY, 2016).

As transmissões radiofônicas dentro desse ambiente ainda estão em desenvolvimento e precisam ser entendidas de maneira completa para serem melhor utilizadas pelas rádios. As características básicas do meio de comunicação, como imediatismo, proximidade, coloquialidade e mobilidade, não se alteram, mas se potencializam dentro desse contexto.

Logo, o tema se destaca como de forte relevância dentro do ambiente acadêmico na busca por encontrar todas as potencialidades dessa transmissão na rede social. Assim, o problema desta pesquisa é: de que maneira as *lives* do *Facebook* alteram as transmissões jornalísticas de rádio, a partir da presença da multimídia, da atemporalidade e de um novo nível de interatividade?

O objetivo geral da pesquisa é, portanto, verificar as transformações que a *live* do *Facebook* provoca na transmissão de radiojornalismo. Para alcançar este norte, são definidos os seguintes objetivos específicos para a pesquisa: apresentar as possibilidades geradas pela *live* do *Facebook* para os programas (*Jornal da Banda B 1ª edição* e *Jornal da Banda B 2ª edição*), que diferem as transmissões do rádio em comparação com a difusão pelas ondas *hertzianas*; elencar

a forma como a transmissão radiofônica da *Banda B* utiliza as novas possibilidades geradas pela *live* do *Facebook*; e identificar quais as mudanças presentes na prática ao vivo que essas transmissões via *live* do *Facebook* geram na difusão radiofônica.

Visando compreender os objetivos em totalidade, será feita uma pesquisa do tipo quanti-qualitativa e explicativa. O método escolhido é o estudo de caso, que terá como objeto empírico as transmissões feitas pela rádio *Banda B* via *live* do *Facebook*, com o foco nos programas jornalísticos *Jornal da Banda B 1ª e 2ª edição*.

Para a coleta dos dados da pesquisa, será utilizada a técnica da análise documental. Como procedimentos metodológicos da pesquisa utilizar-se-á:

1) Definição de recursos diferenciados que a *live* do *Facebook* proporciona a partir dos referenciais teóricos do trabalho;

2) A partir da construção do referencial teórico definir categorias prévias de análise;

3) Seleção dos programas e análise da disponibilidade de arquivo pós ao vivo;

4) Monitoramento dos programas escolhidos (*Jornal da Banda B 1ª Edição e Jornal da Banda B 2ª Edição*);

5) Marcação dos usos dos recursos (pensados no passo 1) que sejam permitidos por ser uma *live* do *Facebook* e não uma transmissão por ondas *hertzianas*;

6) Sistematização dos dados a partir das categorias de análise.

De resultados prévios, é possível apresentar que as *lives* transmitidas no perfil de *Facebook* da emissora *Banda B* utilizam e aproveitam as novas possibilidades de multimídia, interatividade e, de certa forma, atemporalidade. Além de potencializar a proximidade com o ouvinte, que agora também pode ser internauta.

Entretanto, acredita-se que, num primeiro momento de observação, a rádio ainda deixa a desejar ao explorar as novas características. Existem momentos em que a multimídia e a atemporalidade acabam sendo falhas dentro da transmissão via rede social.

Referências

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio:** o veículo, a história e a técnica. 1ª edição. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2000.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e mídias sociais:** mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

WITIUK, Luiz. **O som das ruas:** um estudo sobre o radiojornalismo curitibano. Curitiba: Instituto Cultural de Jornalistas do Paraná, 2008.

Programação radiojornalística maranhense

Nayane Brito¹ – Doutorado

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Valci Regina Mousquer Zuculoto

Linha de Pesquisa: Tecnologias, Linguagens e Inovação

Palavras-chave: radiojornalismo; programação radiojornalística; jornalismo local; rádios maranhenses.

O Maranhão conta com 455 canais radiofônicos legalizados, conforme a Agência Nacional de Telecomunicações (ANATEL). Há, ainda, dezenas de emissoras funcionando sem outorga. Destaca-se neste resumo os resultados e discussões referentes às verificações da programação jornalística em 75 rádios localizadas no Norte do Maranhão. Parte-se da questão principal da tese para apresentar esses resultados parciais: qual o cenário da programação jornalística no rádio de antena do Maranhão? Os aportes teóricos e metodológicos incluem bases do Jornalismo, Geografia, Comunicação e História, em concepção inter e transdisciplinar. Utilizam-se diferentes métodos e técnicas combinados (mapeamento, análise documental, abordagem quantitativa e qualitativa e entrevista semiaberta). Os conceitos centrais são radiojornalismo, programação radiofônica e jornalismo regional/local.

Em 2019, o mapeamento em 26 cidades² localizadas nessa porção do estado registrou cinco veículos comerciais AM e 22 rádios comerciais FM; duas estações pertencem a fundações; uma rádio pública, a Timbira; a Rádio Universidade, da Universidade Federal do Maranhão/São Luís; e 44 emissoras comunitárias legalizadas e não-legalizadas. O mapeamento revelou ainda regiões verificadas como desertos de notícias, por não serem contempladas com jornalismo local.

Embora não tenha acompanhado todos os programas indicados como jornalísticos veiculados nessas rádios, os relatos dos entrevistados, quanto às características das produções, fornecem dados para concluir que nem todas podem ser classificadas como jornalísticas. Entre os autores que conceituam os formatos radiofônicos e os gêneros jornalísticos adaptados ao rádio, opta-se pelas definições trabalhadas especialmente por Kaplún (2017) e Ferraretto (2014). Na maioria dos programas, confere-se um diálogo entre os diferentes gêneros jornalísticos e os formatos.

A informação sintética, no formato notícia radiofônica, está presente em todas as produções registradas, seja em um espaço do programa ou em um conjunto de notícias estruturado em um informativo. As observações de alguns programas, aliadas às entrevistas, forneceram uma visão quanto ao pouco investimento em equipes ou em um jornalista para apuração e produção das notícias.

O momento da observação em campo ocorreu tanto em estúdios de rádio quanto de televisão. Isso porque alguns programas são gravados para a TV e também transmitidos via ondas *hertzianas*. Na perspectiva de economizar, os sistemas de comunicação também aproveitam os conteúdos produzidos com linguagem televisiva e da web para preencherem os espaços nos programas da rádio.

O comprometimento com as informações locais deveria ser preponderante nas rádios. Um trabalho que pudesse beneficiar a população com notícias que de fato retratem a realidade de seu território e fossem de interesse público daquela população, algo que o indivíduo consegue se identificar, sentir-se mesmo que simbolicamente ligado. Mas, conforme alerta Peruzzo (2005), a mídia local nem sempre se caracteriza e atua de maneira igual nas localidades, o trabalho de cada veículo está atrelado à sua política editorial.

A partir da percepção, no que se refere à conjuntura das emissoras maranhenses, dadas as estruturas e a formação dos profissionais, tem-se uma base de como esses dois fatores estão expressos no jornalismo. A maioria das emissoras com produção de notícias são aquelas com a presença de algum jornalista graduado. Na capital, São Luís, estão situadas as rádios com melhores estruturas físicas e maior atuação de jornalistas.

No âmbito da ausência de produção de notícias, identifica-se a busca de informações jornalísticas em agências de notícias, sites noticiosos, blogs, grupos de *WhatsApp*, e outros. Entre os dados averiguados, um dos mais preocupantes é a veiculação de notícias a partir da reprodução de matérias elaboradas para TV, sem a mínima adaptação voltada à linguagem radiofônica.

Nota

¹Bolsista Fapesc.

²Santa Luzia, Alto Alegre do Pindaré, Zé Doca, Santa Luzia do Paruá, Governador Nunes Freire, Maracaçumé, Maranhãozinho, Presidente Médici, Nova Olinda do Maranhão, Araguanã, Pindaré-Mirim, Bom Jardim, Alcântara, Bacabal, Codó, Timon, Caxias, Chapadinha, Itapecuru-Mirim, Coroatá, Santa Inês, Pinheiro, São Luís, Paço do Lumiar, São José de Ribamar e Barreirinhas.

Referências

- FERRARETTO, L. A. **Rádio: teoria e prática**. São Paulo: Summus, 2014.
- KAPLÚN, M. **Produção de programas de rádio, do roteiro à direção**. São Paulo: Intercom, Florianópolis: Insular, 2017.
- PERUZZO, C. M. K. Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências. **Comunicação & Sociedade**. São Bernardo do Campo: Póscom-Umesp, a. 26, n. 43, p. 67-84, 1o. sem. 2005.146, dez. 2011.

Reconfiguração da reportagem radiofônica brasileira contemporânea

Arnaldo Zimmermann¹ – Doutorado

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Valci Mousquer Zuculoto

Linha de Pesquisa: Tecnologias, Linguagens e Inovação

Palavras-chave: radiojornalismo; rádio; reportagem radiofônica; hipermídia; tecnologia.

Esta pesquisa tem como objeto de estudo a reconfiguração da reportagem radiofônica brasileira na contemporaneidade. Para buscar uma reconfiguração do formato, torna-se pertinente revisar e reconhecer os conceitos da reportagem produzida para o rádio *hertziano* e relacioná-los às experiências do ambiente sonoro no universo digital configurado por novos padrões de acesso, audiência, navegação, engajamento e propagação, especialmente os padrões que se referem às potencialidades do contexto hipermidiático.

A reportagem e o jornalismo eram inexistentes nos primórdios do rádio no Brasil. O formato surge a partir da década de 1950, em uma redescoberta do potencial jornalístico do meio devido às inovações tecnológicas, consolidando suas características como mobilidade e imediatismo, além de garantir a própria sobrevivência do rádio (ZUCULOTO; ZIMMERMANN, 2020).

No contexto atual de evolução tecnológica, as transformações da narrativa radiofônica seguem em compasso distinto à sua mutação técnica. Se na maior parte de sua história, o rádio evoluiu seu aparato técnico e seu poder de narrativa simultaneamente, o mesmo não é possível observar nos tempos atuais. As próprias mudanças no caráter da reversibilidade da mensagem devem ser levadas em consideração na formulação das emissões para esse meio.

O objetivo geral deste estudo é (re)conhecer o conceito do formato reportagem radiofônica brasileira contemporânea dentro do ambiente de convergência multimídia e das potencialidades do contexto hipermidiático. Partimos do pressuposto de que todas as inovações tecnológicas têm provocado transformações no formato reportagem radiofônica desde a sua concepção. Entretanto, o ambiente atual de convergência sugere que vivemos uma fase de aceleração das tecnologias, mais veloz e menos previsível que as anteriores. Com as transformações em curso, buscamos neste cenário uma reconfiguração do formato reportagem radiofônica, considerando sua emissão simultaneamente tanto no ambiente digital como no ambiente das ondas hertzianas.

O método proposto para este trabalho é o Estudo de Casos múltiplo, tendo a Análise Documental como técnica, além da Análise Jornalística como procedimento metodológico.

O estudo tem como objeto empírico reportagens radiofônicas veiculadas em três emissoras de rádio com cobertura nacional operando em rede e três emissoras com cobertura local/regional. O *corpus* da pesquisa é delimitado em trinta reportagens da programação e da versão on-line das seis emissoras (cinco reportagens em cada emissora).

Os conceitos teóricos são fundamentados a partir da reportagem jornalística (LAGE, 2001; SODRÉ; FERRARI, 1986) e da relação entre reportagem radiofônica e a perspectiva do radiojornalismo hipermediático (CEBRIÁN HERREROS, 2008; KISCHINHEVSKY, 2016, LOPEZ, 2010). A aproximação é fundamentada a partir das especificidades no conteúdo sonoro e jornalístico (BETTI; MEDITSCH, 2017; MEDITSCH, 2007) e do estado da arte sobre o conceito de hipermídia e as formas de transposição, adaptação, propagação e engajamento do conteúdo jornalístico para as novas plataformas (CANAVILHAS, 2014; JENKINS; FORD; GREEN, 2014).

Nota

¹O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Referências

- CANAVILHAS, João. Hipertextualidade: novas arquiteturas noticiosas. In: CANAVILHAS, João (Org.). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Covilhã (PT): Ed. LabCom, 2014, p. 3-24.
- CEBRIÁN HERREROS, Mariano. **La radio em Internet: de la ciberradio a las redes sociales y la radio móvil**. Buenos Aires: La Crujiá, 2008.
- JENKINS, Henry; FORD, Sam; GREEN, Joshua. **Cultura da Conexão**. São Paulo: Aleph, 2014.
- BETTI, Juliana Gobbi; MEDITSCH, Eduardo (Orgs.). **Produção de Programas de Rádio, do roteiro à direção**. Mario Kaplún. Florianópolis: Insular, 2017.
- KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e mídias sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.
- LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- LOPEZ, Debora Cristina. **Radiojornalismo Hipermediático: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica**. Covilhã, UBI, LabCom, 2010. E-book.
- MEDITSCH, Eduardo. **O rádio na era da informação: teoria e técnica do novo radiojornalismo**. 2ª ed. rev. Florianópolis: Insular: Ed. UFSC, 2007.
- SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnicas de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. 4.ed. São Paulo: Summus, 1986.
- ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer; ZIMMERMANN, Arnaldo. Do transistor ao celular: anotações históricas sobre transformações da reportagem radiofônica a partir de tecnologias. **Revista Âncora**, João Pessoa-PB, v. 7, n. 1, p. 220-238, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ancora/article/view/51297>. Acesso em 20 out. 2020.

Do *hertz* ao *bits*: o uso da convergência por emissoras comunitárias maranhenses

Jefferson de Sousa Moraes¹ – Mestrado

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Valci Regina Mousquer Zuculoto

Linha de Pesquisa: Tecnologias, Linguagens e Inovação

Palavras-chave: convergência; radiojornalismo; rádios comunitárias; Maranhão.

Analisar o ambiente de convergência em rádios comunitárias (radcoms) maranhenses é o objeto desse estudo. O objetivo é investigar programas radiojornalísticos de quatro radcoms regularizadas, na busca por verificar como se utilizam das potencialidades ofertadas pelo ambiente de convergência em conteúdos jornalísticos disponibilizados em canais digitais e redes sociais dessas emissoras. Para alcançar esse objetivo, o *corpus* engloba programas com presença de radiojornalismo de quatro rádios, distribuídas nas mesorregiões oficiais do Estado².

Utiliza-se o aporte de múltiplas metodologias, como a documental, análise de múltiplos casos e observação não participante. O percurso metodológico desta pesquisa perpassa cinco momentos. O primeiro é o mapeamento e divisão por mesorregião das rádios comunitárias regularizadas existentes no Maranhão para entender como as rádios estão divididas no Estado, onde estão instaladas e quais canais digitais possuem. Nos locais que não contam com a mídia de referência, a mídia alternativa tende a ser a única presença de veículo de comunicação. Essa informação pode ser contrastada com a pesquisa 2019 do Atlas da Notícia sobre desertos de notícias. A Associação Brasileira de Rádios Comunitárias do Maranhão (ABRAÇO-MA) estima a existência de cerca de 300 rádios comunitárias entre regularizadas e não regularizadas em todo o Estado. Brito (2017) realizou um panorama das rádios localizadas na Região Sul do Maranhão onde constatou a existência de 61 veículos radiofônicos, compreendendo rádios comerciais, educativas, comunitárias e, ainda, rádios postes. A pesquisa identificou que 79% desses veículos se intitulam comunitários e 40% funcionam sem outorga.

O segundo momento é a seleção de quatro emissoras regularizadas, distribuídas pelas mesorregiões Norte, Sul, Leste e Oeste. A escolha da emissora se dá pela presença de produtos jornalísticos. O terceiro passo é a seleção desses produtos.

Tendo como base as informações de Brito (2017), é possível destacar previamente as seguintes emissoras comunitária com presença de jornalismo: *Rádio Maranhão do Sul FM*, em Imperatriz, representando a região Oeste. Ao Sul, a cidade de Riachão com a *Rádio Primavera*

e ao Leste a Rádio Cidade, em Pastos Bons. Ao Norte, pesquisas iniciais apontam a presença de jornalismo na *Rádio Bacanga FM*, instalada na capital São Luís (MORAES, 2020).

A quarta etapa é a seleção dos produtos de cada emissora. Previamente, ainda de acordo com o panorama de Brito (2017), é possível destacar os seguintes programas: “Comunidade em Ação” e “Debate Comunitário”, da *Rádio Maranhão do Sul FM*, em Imperatriz. “Informe Primavera” e o “Jornal Primavera”, na *Rádio Primavera*, em Riachão. “Bacanga News”, na *Rádio Bacanga FM*, de São Luís, e em Pastos Bons, a *Rádio Cidade* veicula o “Saúde na Cidade”.

A última etapa ocorre após a pesquisa de campo onde será feita a análise dos produtos. Nessa análise, se observa a presença de tecnologias emergentes como celular, computadores e notebooks; de meios de correspondências eletrônicas como fóruns, e-mail, mensagens instantâneas; e o de redes sociais, blogs, microblogs e sites. As descrições serão feitas com base no que Canavilhas (2014) interpreta como webjornalismo: hipertextualidade, multimedialidade, interatividade, memória, instantaneidade, personalização e ubiquidade.

Além da observação desse ambiente de convergência em produtos radiojornalísticos, será examinado como estes conteúdos são inseridos em suas redes digitais e canais sociais. A intenção do estudo é colaborar com o avanço do radiojornalismo comunitário maranhense, ainda mais neste ambiente de convergência em franca expansão. Olhares iniciais apontam que a convergência é uma realidade nas radcoms maranhenses. Com a pandemia, essa questão se ampliou e tende a permanecer no dia a dia das redações.

Notas

¹O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

²Disponíveis no site do IBGE: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv2269_3.pdf

Referências

BRITO, Nayane Cristina Rodrigues de. **Panorama do radiojornalismo nas emissoras radiofônicas do sul do Maranhão** – mapeamento, rotinas produtivas e produtos jornalísticos. Dissertação (Mestrado em Processos Jornalísticos) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2017.

CANAVILHAS, João. (Org.). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Covilhã: UBI, LabCom, 2014.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2ª edição. São Paulo: Aleph, 2009.

MORAES, Jefferson de Sousa. Radiojornalismo local e hiperlocal na cobertura da pandemia da Covid-19 por emissoras comunitárias – análise de produções em ambiente de convergência midiática das rádios Bacanga/MA e Rocinha/RJ. **Anais do 18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor)**, 2020. Disponível em: <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2020/paper/viewFile/2732/1449>. Acesso em: 12 jan 2021.

As características e estéticas dos podcasts jornalísticos frente ao rádio

Luís David Falcão Padilha¹ – Mestrado

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Valci Regina Mousquer Zuculoto

Linha de Pesquisa: Tecnologias, Linguagens e Inovação

Palavras-chave: radiojornalismo; podcast; práticas jornalísticas; estética.

O rádio é um dos meios de comunicação mais difundidos no mundo. Seja nas estações piratas ou em emissoras regulamentadas, as pessoas se informam e se comunicam por diversas ondas hertzianas. Atualmente o cenário radiofônico se torna propagável (JENKINS, 2014), expandido (KISCHINHEVSKY, 2016) e, também, se transforma em algo novo. Via de regra, sintonizar uma estação era um processo humano-tecnológico único, achar entre os chiados aquele espectro que trazia o som de forma mais clara e limpa era um ritual que hoje, especialmente nos grandes centros urbanos, transformou-se em um *dial* automático num *smartphone* ou, até mesmo, o conectar direto via computador em uma rede de domínio mundial. Este estudo visa compreender não o rádio *per se*, mas sim o jornalismo por meio do áudio pois, desta maneira, poderão ser problematizados não somente o papel do radiojornalismo, mas, também, o produto nativo digital que vem permeando um espaço que antes era inexistente: os *podcasts* jornalísticos.

Os *podcasts* são utilizados neste estudo com o objetivo de compreender as relações que existem entre eles e o rádio. Assim sendo, possibilitará também a observação das aplicabilidades dos elementos do rádio no *podcast* jornalístico, além de esquadriñar como os *podcasts* produzem suas narrativas jornalísticas.

Mas o que define o produto *podcast* se resume apenas a conteúdos utilizando-se unicamente de som e entregues via internet? Tal questionamento também é posto em xeque a partir do momento em que muitos programas de *podcast* incluem elementos de hipertextualidade e, também, da questão das rádios nativas na era da internet, podendo ser observado o próprio rádio expandido (KISCHINHEVSKY, 2016) ou, por fim, a transposição literal de um programa de rádio em ondas *hertzianas* que, ao vivo é chamado de rádio, mas que em repositório digital é chamado de *podcast* – ainda que sem sofrer alterações de edição sendo, de forma recorrente, a transposição *ipsis litteris* do rádio ao vivo para o então intitulado formato de *podcast*.

A pesquisa toma como ponto de partida que o termo *podcast* é utilizado para os produtos em áudio nativos digitais cujo principal meio de propagar informação é o som, possuindo como objeto de estudo aqueles que são exclusivamente jornalísticos. Portanto como objeto de estudo temos os *podcasts* brasileiros *Panorama CBN* e *O Assunto*. Para aprimorar a pesquisa foi escolhido o britânico *The Tip-Off*, assim como *On The Media*, da rede WNYC.

O estudo de múltiplos casos foi definido a partir do momento em que os objetos de estudo fazem parte de uma condição de produção seriada e contínua, podendo abarcar neste método uma validação de suas formas de produção e formatos. A análise documental é de fundamental importância, visto que as categorias optadas para a compreensão do fenômeno *podcast* em espelhamento do jornalismo em áudio darão subsídios para que a pesquisa ilumine como que são utilizados os aportes teóricos e técnicos do radiojornalismo neste formato. Em conjunto deste, a análise de narrativa jornalística irá, por fim, definir como as narrativas jornalísticas são desenvolvidas nos objetos citados.

Serão observados os elementos do rádio e do áudio que compõem a linguagem sonora. Isto aplicado à produção de *podcasts* jornalísticos, ou seja, serão estabelecidos os critérios de análise de som, silêncio, música e efeitos sonoros como elementos de composição narrativos dentro do *corpus* para compreender os objetivos de como é dado o jornalismo por meio do áudio via *podcast* e suas relações.

Ainda que o fundamental objeto da pesquisa sejam os *podcasts*, não podemos negligenciar aquilo que foi feito ao longo da história no Jornalismo por meio do áudio pelo rádio. É neste ponto que o radiojornalismo toma força com os estudos históricos do rádio (ZUCULOTO, 2012; JUNG, 2013) aliado com suas técnicas e com as reflexões que estes criaram no campo acadêmico (FERRARETTO, 2014). Tal aspecto ajudará na compreensão de como as ondas migraram para os *bytes* e de que forma a prática do jornalismo por meio do *podcast* se assemelha com as teorias e práticas do rádio (RATA, 2009; WEIGELT, 2018). Com isto estabelecido, a pesquisa parte para os *podcasts* em si (KISCHINHEVSKY, 2016; BUFARAH, 2019), buscando a sua contextualização em favor do jornalismo, do rádio e dos fenômenos tecnológicos aos quais estes estão ligados atualmente.

Nota

¹O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Referências

- BUFARAH JUNIOR, A; CARVALHO, M. Considerações sobre o impacto das novas tecnologias no radiojornalismo. **Revista Rádio-Leituras**, Mariana-MG, v. 10, n. 01, p. 41-59, jan./jun. 2019.
- FERRARETTO, L. **Rádio: teoria e prática**. São Paulo: Editora Summus. 2014.
- JENKINS, H. **Cultura da Conexão**. São Paulo: Aleph. 2014
- JUNG, M. **Jornalismo de Rádio**. São Paulo: Contexto. 2013.
- KISCHINHEVSKY, M. **Rádio e mídias sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad X. 2016.
- PRATA, N. **WEBradio: novos gêneros, novas formas de interação**. Florianópolis: Insular. 2009.
- WEIGELT, D. **Como os jovens ouvem rádio? Uma cultura lusófona de consumo radiofônico**. Florianópolis: Insular. 2018.
- ZUCULOTO, V. **No ar: a história da notícia de rádio no Brasil**. Florianópolis: Insular. 2012.

Sondagem sobre jornalismo científico em rádios universitárias na pandemia

Paulo Roberto Santhias¹ – Doutorado

Orientadores: Prof.^a. Dr.^a. Valci Regina Mousquer Zuculoto e Prof. Dr. Ricardo Morais (Universidade da Beira Interior, Portugal)

Linha de Pesquisa: Tecnologias, Linguagens e Inovação

Palavras-chave: comunicação da ciência; radiojornalismo científico; rádio pública; rádio universitária; Covid-19.

Na geografia comunicacional da ciência e do radiojornalismo científico em Brasil, Espanha e Portugal, rádios universitárias e públicas difundem conteúdos relacionados ao SARS-CoV-2 e à Covid-19. Cada programa tem formato específico. Percebe-se nos conteúdos a organização de estratégias com a finalidade de potencializar e explorar o conhecimento e as informações, da fonte especializada à produção radiofônica.

Até a edição finalizada é necessário percorrer etapas de: pesquisa, preparação de pauta, pré-produção do programa, roteirização das perguntas (intuindo para a improvisação à fala e questões espontâneas da fonte) e gravação da entrevista com a fonte especializada. Constituindo-se na primeira etapa do programa: a relação estabelecida entre o jornalista e a fonte especializada, a pesquisa relacionada ao assunto feita pelo jornalista, recursos sonoros usados, diversidade de fontes, o contraditório, além de elaborar a produção radiofônica sob a égide da humanização e compreensível para o ouvinte. Este raciocínio apoia-se em conceitualização de Bueno (2012):

Neste sentido, as várias etapas do processo de produção jornalísticas devem ser percorridas adequadamente e elas compreendem, fundamentalmente, a escolha da pauta ou assunto, a captação das informações (que inclui a seleção e o acesso às fontes), a elaboração do texto ou discurso (notícia, reportagem, editorial, coluna etc.) e a edição final (que define o formato final da matéria jornalística, com a inclusão de recursos que potencializam o acesso da audiência, como os títulos ou chamadas, as imagens, os links, para leituras complementares etc) (BUENO, 2012, p. 3).

Trata-se da prestação de serviço público e responsabilidade social no âmbito da comunicação da ciência, nas programações radiofônicas de divulgação científica e do jornalismo científico. Como sintetiza Melo (2006), insta-se “a democratização do conhecimento”. Trabalho mediado pelo jornalista especializado em ciência dialogando com a fonte especializada, conforme comenta Hernando (1977, p. 297, tradução nossa²): “Em síntese, trata-se de buscar fórmulas de entendimento entre cientistas e jornalistas”.

O objetivo deste projeto de pesquisa é analisar a prática da etapa de produção do rádio-jornalismo científico sobre a pandemia da Covid-19, irradiado em reportagens e entrevistas por rádios públicas e universitárias de Brasil, Portugal e Espanha. O método elegido é o de Análise de Conteúdo e Revisão Bibliográfica. O objeto empírico constitui-se por produções de jornalismo científico radiofônico exibidas em 2020 e 2021. Para isso, serão selecionadas duas edições de cada emissora prevista no projeto, com intervalo superior a seis meses para cada emissão por rádio, totalizando seis produções. Todas deverão passar por processo de audição qualitativa e Análise de Conteúdo das produções radiofônicas.

Em artigo anterior (2020), foram comunicadas reflexões a partir da realização de pesquisa exploratória sobre produções relacionadas à Covid-19, nas emissoras universitárias *Rádio USP* (São Paulo), *Rádio UFMG Educativa* (Minas Gerais), *Rádio UFRJ* (Rio de Janeiro) e *Rádio Unicamp* (Campinas/SP), no período de 16 de abril a 9 de junho.

Permeia esta pesquisa o “pensamento complexo”: “A complexidade da relação ordem/desordem/organização...” (MORIN, 2015, p. 63).

Notas

¹É integrante do GIRAFÁ (Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio).

²“Se trata, em definitiva, de buscar fórmulas de entendimiento entre los científicos y los periodistas”.

Referências

BUENO, Wilson da Costa. A formação do jornalista científico deve incorporar uma perspectiva crítica. **Diálogos & Ciência** – Revista da Faculdade de Tecnologia e Ciências – Rede de Ensino FCT, n. 29, mar. 2012.

HERNANDO, Manuel Calvo. **Periodismo Científico**. Madrid: Paraninfo S.A., 1977.

HERSCOVITZ, Heloiza G. Análise de Conteúdo em Jornalismo. In: LAGO, C.; BENETTI, M. (Orgs.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

MELO, José M. **Teoria do Jornalismo: identidades brasileiras**. São Paulo: Paulus, 2006.

MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Tradução: Eliane Lisboa. 5ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.

QUAMMEN, David. **Contágio: infecções de origem animal e a evolução das pandemias**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

SANTHIAS, Paulo Roberto. Apontamentos acerca da relação entre a fonte especializada e o jornalista na produção de jornalismo científico em rádios universitárias brasileiras durante a pandemia. In: **Anais do 18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**, 2020.

ZUCULOTO, Valci R. M. **A programação de rádios públicas brasileiras**. Florianópolis, Insular, 2012.



UFSC

Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPGJOR)
Campus Universitário, Trindade
88040-980 - Florianópolis/SC
(48) 3721.9463 - www.ppgjor.posgrad.ufsc.br

ISSN 2526-1231